

UNIVERSIDADE ABERTA



**A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas –
Contributo para a construção de um campo de conhecimento**

Ana Sofia Figueiredo Pinheiro

Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cidadania e Desenvolvimento

Dissertação de mestrado orientada pela Professora Doutora Teresa Joaquim

Abril de 2023

This license lets others distribute, remix, adapt, and build upon your work, even commercially, as long as they credit you for the original creation. This is the most accommodating of licenses offered. Recommended for maximum dissemination and use of licensed materials.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons

[Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Agradecimentos

Trabalhar com a Professora Doutora Teresa Joaquim é um enorme privilégio. Conversar com ela sobre os assuntos mais académicos ou mais quotidianos e pessoais é uma experiência quase sempre reveladora. Ensina a pensar. A presente dissertação de mestrado é-lhe devida a ela, que me apoiou sempre, com paciência, amizade, solidariedade, empatia e amabilidade nesta e noutras andanças das nossas vidas. Sou-lhe grata!

No empenho dedicado às tarefas do trabalho e à disponibilidade para lhes dar seguimento houve várias pessoas cujo acompanhamento se revelou crucial para a elaboração da dissertação. A disponibilidade e a amizade delas devem arrolar-se aqui. Assim, quero agradecer também à Prof.^a Rosana Albuquerque, à Ana Melro, à São José Sousa, à Helena Cruz, à Catarina Raio, às minhas colegas de curso e à minha família. Aos meus três rapazes. Obrigada.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 20 de abril de 2023

Nome completo/Full name: Ana Sofia Figueiredo Pinheiro

Assinatura/Signature:



manuscrita ou digital / handwritten or digital

A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas — Contributo para a construção de um campo de conhecimento

RESUMO

A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas é um instrumento bibliográfico disponível *online*, em acesso aberto — https://www2.uab.pt/cemri_esm/ — que reúne informação sobre títulos produzidos em Portugal na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas no período que decorre entre 1998 e 2011. Parte-se do princípio de que a condição inicial de qualquer processo de construção de conhecimento é aceder aos corpos teóricos disponíveis. Apesar de nunca se encontrarem numa forma definitiva e necessitarem de atualização constante, os instrumentos bibliográficos detêm em si a possibilidade de estimulação e conhecimento aprofundado de áreas de conhecimento específicas e determinadas. Os instrumentos bibliográficos têm, por isso, como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento e visibilidade da área a que se dedicam: no caso dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, têm a relevância de desocultar temáticas e expor áreas de investigação. A presente dissertação de mestrado assenta no reconhecimento de que a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas pode constituir-se como um importante contributo para a construção do campo de conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal e explora a estrutura deste campo recorrendo a uma análise bibliométrica do seu conteúdo.

Palavras-chave: bibliografias; Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas; Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas; análise bibliométrica.

Women's, Gender, and Feminist Studies Database — Contribution to the construction of a knowledge field

ABSTRACT

The Women's, Gender, and Feminist Studies Database is a bibliographic tool available online, in open access — https://www2.uab.pt/cemri_esm/ — collecting information about titles produced in Portugal on Women's, Gender, and Feminist Studies between 1998 and 2011. The assumption is that the initial condition for any process of knowledge construction is to access the available theoretical bodies. Although they are never in a definitive form and require constant updating, bibliographic tools hold within themselves the possibility of stimulating and in-depth knowledge in specific and determined areas of knowledge. Bibliographic tools have, therefore, as their main objective to contribute to the development and visibility of the area they are dedicated to: in the case of Women's, Gender, and Feminist Studies, bibliographic tools are relevant to unmasking themes and exposing areas of research. This master's thesis is based on the recognition that the Women's, Gender, and Feminist Studies Database can constitute an important contribution to the construction of the knowledge field of Women's, Gender, and Feminist Studies in Portugal and explores the structure of this field using a bibliometric analysis of its content.

Keywords: bibliographies; Women's, Gender, and Feminist Studies; Women's, Gender, and Feminist Studies Database; bibliometric analysis.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 - Instrumentos bibliográficos no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas	5
1. Instrumentos bibliográficos - o que são e como se caracterizam	6
2. Importância da existência de instrumentos bibliográficos no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas	9
3. Os Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal	18
4. Portugal — Instrumentos bibliográficos de referência	21
Capítulo 2 - A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas — apresentação e caracterização	28
1. A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas — BDEsMGF	29
2. A BDEsMGF - organização de títulos	34
3. O valor da BDEsMGF na disseminação da produção científica	42
4. Articulação entre a BDEsMGF e contextos diferenciados	44
5. A discussão sobre a interdisciplinaridade	49
Capítulo 3 - Exploração da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas	57
1. Procedimentos metodológicos	58
2. Estudo dos recursos presentes na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas	62
3. Alterações à informação disponibilizada no website do projeto	74
Considerações finais	79
Referências bibliográficas	86

Índice de imagens

Figura: 2.1: Imagem da página de entrada na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas	30
Figura: 2.2: Cabeçalho da página da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas	34
Figura: 2.3: Primeira entrada na BDEsMGF	39

Índice de tabelas

Tabela: 2.1: Distribuição do tipo de referência por ano	65
---	----

Índice de gráficos

Gráfico 1. Distribuição das publicações por ano	62
Gráfico 2. Padrões de colaboração científica na autoria	63

Índice de Quadros

Quadro 1. Número de publicações por tipo de referência	63
Quadro 2. Número de publicações por campo de conhecimento	66
Quadro 3. Temáticas com menor representatividade	71
Quadro 4. Temáticas com maior representatividade na BDEsMGF	72

Introdução

Para alguns é possível que a Bibliografia seja a menos científica das ciências, a menos artística das artes, a menos técnica das ciências, mas tais opiniões revelam a incompreensão do facto de que ela é a base, pelo menos material, de todas as ciências, artes e técnicas, já que não é admissível que (...) elaborem um trabalho sem conhecerem o que foi escrito e publicado sobre o assunto.
(Sousa e Veloso, 1987: 8)

Há muito que se reconhece a importância da existência de instrumentos bibliográficos que se dediquem a reunir a produção em áreas específicas de conhecimento. Estes espaços são fundamentais para qualquer processo de construção de conhecimento e têm como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento e visibilidade da área a que se dedicam. Os Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas não são excepção. De facto, no âmbito dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas tem-se defendido que a necessidade de instrumentos bibliográficos adequados tem acompanhado e estimulado estudos mais aprofundados, sendo importantes para desocultar as produções de e sobre mulheres e expor áreas emergentes de investigação.

O campo dos Estudos sobre as Mulheres é um campo relativamente recente de investigação. Em Portugal, particularmente, este campo de conhecimento apenas se consolidou na década de 1990 (Amâncio, 2003). Tal consolidação resultou da combinação de vários fatores, tais como o surgimento das primeiras revistas académicas dedicadas aos estudos de género e aos feminismos, a criação de centros de documentação e a criação dos primeiros cursos de mestrado que potenciaram a criação de investigação científica neste domínio. Também se têm envidado esforços no sentido da criação de ferramentas bibliográficas que estimulam a produção de conhecimento no campo dos, hoje em dia, reconhecidos

como Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, destacando-se vários momentos em que o trabalho de recolha e organização de bibliografia neste campo disciplinar foi e continua a ser relevante. O primeiro trabalho que obteve reconhecimento acentuado foi *A mulher em textos e contextos: um recenseamento bibliográfico, tematicamente indexado, sobre publicações portuguesas (1974 - 1988)* de Luís Esteves Melo Campos (1989). Dez anos mais tarde, também com acentuado reconhecimento, Maria Regina Tavares da Silva (1999) publicou *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)*. Autora do prefácio a esta obra, Maria de Lourdes Pintasilgo atribuiu-lhe uma decisiva importância, considerando que a partir dela “pode ser construído o edifício da história do pensamento sobre as mulheres em Portugal”, residindo a sua importância na “necessidade de o conhecimento científico se apoiar sempre em bases de dados” (Pintasilgo in Silva, 1999: XV). Foi, portanto, na sequência do trabalho de Maria Regina Tavares da Silva que se concebeu, em 2006, a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, uma iniciativa que pretendeu dar continuidade ao recenseamento elaborado pela autora. Este trabalho apresenta a particularidade de estar integralmente disponível *online*, característica esta que lhe confere uma mais-valia em termos de acessibilidade.

A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas é objeto de análise na presente dissertação de mestrado.

O trabalho estrutura-se em três partes. A partir de um corpo teórico que apresenta a importância dos instrumentos bibliográficos no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, tenta-se criar uma estrutura em que se destaque a contribuição da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas para a construção de conhecimento, procedendo à análise dos recursos que contém e à apresentação de recomendações para alterações ao projeto.

No primeiro capítulo é apresentado um corpo teórico em que se expõe a importância dos instrumentos bibliográficos na consolidação do campo dos

Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, a evolução deste campo de estudos em Portugal e a descrição dos principais instrumentos bibliográficos que este campo de conhecimento produziu no nosso país. No segundo capítulo apresenta-se a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, defende-se a sua importância na disseminação científica, clarificam-se as formas como se processa a articulação com vários outros contextos diferenciados e discute-se a importância da interdisciplinaridade. No terceiro capítulo, que corresponde à contribuição metodológica na análise aos recursos disponíveis na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, parte-se da especificação dos procedimentos metodológicos e as principais estratégias que guiaram o trabalho. Em seguida analisam-se os recursos disponíveis na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, apresentando-se informação bibliométrica que permita identificar padrões de publicação. Alterações à informação disponibilizada no website do projeto são ainda sugeridas neste seguimento.

Na parte final apresentam-se as considerações finais do trabalho.

Entendemos que na presente dissertação de mestrado será possível mapear, de forma descritiva e quantitativa, as temáticas de investigação mais relevantes no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal, assim como apontar para a definição de caminhos futuros, apoiando o trabalho numa base teórica e numa análise bibliométrica ao conteúdo da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. Esta é a questão de partida. A presente dissertação de mestrado pretende contribuir para o desenvolvimento, para a visibilidade e para a legitimação do conhecimento no enquadramento deste campo de estudos, ampliando o intercâmbio de informação e conhecimento científico nesta área e contribuindo para o equacionamento da importância da interdisciplinaridade no contexto deste instrumento bibliográfico específico.

Capítulo 1 - Instrumentos bibliográficos no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

1. Instrumentos bibliográficos - o que são e como se caracterizam

A importância da existência de espaços especializados na recolha, compilação, organização e disseminação de informação relacionada com áreas específicas de conhecimento tem vindo a ser amplamente reconhecida e valorizada. Estes espaços - instrumentos bibliográficos por referência - são extensamente utilizados para reunir o manancial de produção científica ou literária sobre tópicos específicos e especializados. Como se se tratasse de uma autêntica herança cultural e científica a preservar, os instrumentos bibliográficos permitem, em primeiro lugar, o acesso a listagens de recursos bibliográficos em áreas específicas, e, em segundo lugar, permitem a identificação de recursos bibliográficos disponíveis de maneira sistematizada, podendo as indicações presentes apontar para o acesso ao recurso de forma material ou de forma digital. A inventariação inerente aos instrumentos bibliográficos constitui um apoio fundamental na promoção da literatura existente em áreas de conhecimento determinadas, permitindo e facilitando o conhecimento do conjunto de textos disponíveis nessas áreas e o próprio trabalho de investigação. Aceder aos corpos teóricos disponíveis é, indubitavelmente, a condição inicial de qualquer processo de construção de conhecimento. Apesar de nunca se encontrarem numa forma definitiva e necessitarem de atualização constante, os instrumentos bibliográficos detêm em si a possibilidade de estimulação e conhecimento aprofundado de áreas de conhecimento específicas e determinadas.

O texto “Archive Fever: A Freudian Impression” de Jacques Derrida e Eric Prenowitz oferece um interessante enquadramento da reflexão sobre o que significam ou sobre como são construídos os repositórios bibliográficos. Pretendendo que se contemple o arquivo a partir da sua designação em grego — *arkhe* — os autores consideram-no tanto um “commencement” como um “commandment”, isto é, um arquivo pode constituir-se enquanto um ponto de

partida mas pode constituir-se também enquanto um guia para a produção de conhecimento (Derrida e Prenowitz, 1995: 9)¹.

A necessidade de seletividade que impera nas compilações bibliográficas apoia, neste sentido, a construção de conhecimento científico na forma de autênticas narrativas articuladas com os temas a que se dedicam. O impacto desse conhecimento encontra-se associado à sua própria disseminação, isto é, à capacidade para se conseguir que esse conhecimento seja apropriado tanto pelo domínio acadêmico como por domínios externos à academia, como o da sociedade civil ou o da educação. A crescente abertura para a disponibilização *online* da publicação de artigos e livros permite, também, hoje em dia, conciliar a necessidade de recursos e a capacidade para os mobilizar. Essa diversificação de estratégias de disseminação do conhecimento importa no sentido em que acarreta uma preocupação com o desenvolvimento de estratégias mais inclusivas e democráticas, facilitando o acesso a produção científica relevante em domínios especializados.

A existência de instrumentos bibliográficos num determinado campo de conhecimento permite, logo, expandir a visibilidade e o acesso às suas produções, sejam elas científicas, literárias ou artísticas. Permite ainda participar do importante processo de democratização do acesso ao conhecimento. Tem sido também evidente que quem investiga, quem ensina, quem planeia e executa políticas públicas ou quem é ativista tem também todo o interesse em instrumentos desta natureza, a eles recorrendo no sentido de colmatar a necessidade de aceder a recursos disponíveis para enquadrar teoricamente e desenvolver os seus projetos e iniciativas. Na atividade docente pode também encontrar-se utilidade nos instrumentos bibliográficos que são úteis na preparação

¹ No original: “But rather at the word “archive” — and with the archive of so familiar a word. Arkhe, we recall, names at once the commencement and the commandment. This name apparently coordinates two principles in one; the principle according to nature or history, there where things commence — physical, historial, or ontological principle — but also the principle according to the law, there where men and gods command, there where authority, social order are exercised, in this place from which order is given — nomological principle” (Derrida e Prenowitz, 1995: 9).

de programas e atividades, na preparação de aulas ou na orientação de projetos de pesquisa e investigação de estudantes.

Com instrumentos desta natureza criam-se os espaços que permitem iluminar campos de conhecimento. O campo de conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, inicialmente, e de Género e Feministas, mais recentemente, não é excepção. No prefácio de *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)*, Maria de Lourdes Pintasilgo já apontava que

“Para bem utilizar uma base de dados, não basta fazer a pergunta simples que obtém a resposta inequívoca no computador. A própria resposta é também uma pergunta: em vez de fechar o leque das possibilidades, abre-as nas correlações que necessariamente estabelece ou evoca. Se esta «árvore dos conhecimentos» é essencial em qualquer domínio mais o é ainda no que diz respeito à situação das mulheres, que, se são esteio da sociedade, são-no porque se encontram no cruzamento de múltiplos campos de interesse e acção” (Pintasilgo in Silva, 1999: XV).

2. Importância da existência de instrumentos bibliográficos no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

Os instrumentos bibliográficos têm como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento e visibilidade da área a que se dedicam. No caso dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas tem-se defendido que a necessidade de instrumentos bibliográficos adequados tem acompanhado e incentivado a produção científica de países com maior empenho nesta área do conhecimento. Na Nota Introdutória do *Dicionário da Crítica Feminista*, um instrumento bibliográfico de referência nos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal, Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral sustentam essa ideia: “através deste labor, e de toda esta teia de cumplicidades múltiplas, esperamos de algum modo poder estar a contribuir para o resgate da palavra do domínio hegemónico, através da inscrição do feminino na cultura” (Macedo e Amaral, 2005).

O acesso à informação e ao conhecimento é um factor determinante na promoção da mudança social. Partindo de disciplinas como a sociologia, a antropologia, a ciência política, a história, a literatura, entre outras, os Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas procuram compreender dinâmicas de género em sociedades anteriores e contemporâneas. As relações sociais de género influenciam as vidas privadas e influenciam a elaboração de leis e políticas públicas.

Vozes autorais de uma bibliografia dedicada a encorajar colegas a repensar os seus programas de Literatura Inglesa à luz dos, à data, novos conhecimentos propiciados pelos estudos sobre as mulheres e feministas, Kamholtz e Sheets (1984) defenderam que “se a teoria crítica feminista pretende transformar a forma como estudantes pensam (...), então estes estudos devem influenciar o currículo em todos os níveis de instrução. Infelizmente, tal mudança fundamental avança

lentamente”² (Kamholtz e Sheets, 1984: 278). Em Portugal, neste contexto, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género criou os “Guiões de Educação Género e Cidadania: uma estratégia para o *mainstreaming* de género no sistema educativo”³. Os Guiões destinam-se à educação formal e o seu objetivo é a integração da dimensão de género nas instituições educativas, constituindo-se, simultaneamente, enquanto uma medida de política educativa dirigida a profissionais de educação de todos os ciclos de ensino. É também no enquadramento desta necessidade de influenciar o currículo no ensino público universitário em Portugal que Virgínia Ferreira coordena o projeto ENGENDER - Integração dos Estudos de Género nos *curricula* e práticas pedagógicas no ensino público universitário em Portugal⁴.

Quer se considere a investigação, a educação, o *advocacy* ou o planeamento de políticas públicas, a necessidade de recursos bibliográficos especializados é indiscutível.

Nas últimas décadas do século XX surgiram várias bibliografias dedicadas aos então denominados «Estudos sobre as Mulheres» em revistas científicas. Antes do advento da Internet, a criação de bibliografias sobre temas específicos associados a esta área do conhecimento foi uma das formas encontradas por quem pensava e investigava sobre este tema para reunir, compilar e recensar a produção disponível. A existência de bibliografias foi importante para, por um lado, desocultar as produções de mulheres e, por outro, para expor recentes áreas de investigação. A este respeito Jong e Koevoets questionam:

² Tradução livre da autora da tese. No original: “*If feminist scholarship and criticism are to change the way our students think (...) then these studies must influence the curriculum at all levels of instruction. Unfortunately, such fundamental change is slow in coming*” (Kamholtz e Sheets, 1984: 278).

³ Os “Guiões de Educação, Género e Cidadania: uma estratégia para o *mainstreaming* de género no sistema educativo” estão disponíveis em versão impressa e em acesso aberto, podendo ser acedidos *online* a partir de: <https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/projetos/guioes-de-educacao-genero-e-cidadania/>

⁴ Ver página do projeto em <https://ces.uc.pt/pt/investigacao/projetos-de-investigacao/projetos-financiados/engender>.

“As fontes de arquivo servem apenas como material empírico através do qual produzimos conhecimento, ou os arquivos e bibliotecas também participam ativamente na produção de conhecimento? Em que medida é que o sonho de uma biblioteca "universal" e completa encobre o facto de todas as grandes coleções tenderem a excluir tanto quanto revelam? Bibliotecas e arquivos estão sempre e inegavelmente presos na dialética da completude e acessibilidade”⁵ (Jong e Koevoets, 2013: 4).

Os artigos que manifestavam preocupações bibliográficas foram particularmente importantes para difundir a criação de novos centros de investigação. Para além dos centros de investigação e das publicações, surgem ainda conferências e seminários especializados no tema, salientando a necessidade de promover e disseminar esse conhecimento, representando uma inquietação crescente com as questões das mulheres. Surgem centros de documentação na Europa e nos Estados Unidos da América. À medida que se notava um interesse maior pelo tema, também as próprias agências de atribuição de subvenções ou entidades de financiamento se transformaram.

Surgiram, pois, vários exemplos de instrumentos bibliográficos neste enquadramento um pouco por todas as áreas do conhecimento. Desde livros especializados na compilação de recursos a artigos publicados em revistas científicas com o mesmo objetivo, as décadas de 70, 80 e 90 foram prósperas ao dar passos que facilitaram a pesquisa e a localização de recursos no campo dos «Estudos sobre as Mulheres» numa perspetiva interdisciplinar, surgindo compilações em que o tema *mulheres* surge associado à área da educação, da arte, da literatura, da história ou do ambiente, entre tantos outros. É neste sentido que Graça Abranches (2000) declara que:

⁵ Tradução livre da autora da tese. No original: “*Do archival sources serve merely as the empirical material by which we produce knowledge, or do archives and libraries also actively participate in the production of knowledge? To what extent does the dream of a ‘universal’, complete library cover up the fact that every great collection tends to exclude as much as it reveals? Libraries and archives are always and undeniably caught in the dialectic of completeness and accessibility*” (Jong e Koevoets, 2013: 4).

“a multiplicidade de trabalhos que, desde a década de 70, se devem ao desenvolvimento do interesse pelos Estudos sobre as Mulheres/Estudos Feministas/ Estudos sobre o Género, caracterizam-se mesmo quando desenvolvidos numa determinada área científica, pela interdisciplinaridade ou por uma vocação transdisciplinar. A um monstro bibliográfico informe, velho de séculos, agregou-se assim, nas últimas décadas, um corpo textual de contornos imprecisos” (Abranches, 2000: 221).

Entre os trabalhos publicados na Europa e nos E.U.A. destacam-se alguns exemplos de recenseamentos e compilações que se constituem, simultaneamente, como exemplos desse diálogo interdisciplinar. Pretende-se que a seguinte apresentação seja representativa e não exaustiva. Em “Bibliographies for Research on Women”, Patricia Ballou (1977) apresentou as obras de Lucinda Cisler, Mayra Buvinic e Sue-Ellen Jacobs como as que se situam entre as mais relevantes. Tais exemplos refletem esse esforço pela procura da interdisciplinaridade: *Women: A Bibliography* de Lucinda Cisler (1970); *Women and world development: An annotated bibliography* de Mayra Buvinic (1976), publicado pelo Overseas Development Council, que se dedica a recensear a produção de recursos sobre as mulheres no mundo em desenvolvimento; *Women in Perspective. A Guide for Cross-Cultural Studies*, de Sue-Ellen Jacobs (1974), uma compilação que, no contexto da antropologia, pretendeu incentivar um corpo de conhecimento sobre as mulheres em culturas específicas.

Vários artigos publicados em revistas académicas nas últimas décadas do século XX refletem também esse exercício de interdisciplinaridade. Entre outros exemplos, selecionaram-se os seguintes:

— “Women Mathematicians: A Bibliography”, de Karen D. Rappaport (1978), artigo publicado na revista *Women’s Studies Newsletter*, dedicado a destacar o trabalho de mulheres matemáticas notáveis apesar de amplamente ignoradas ou não reconhecidas;

- “Women and Schooling in the Third World: A Bibliography”, de Gail Kelly e Younus Lulat (1980), publicado na revista *Comparative Education Review*, um artigo que tem como principal foco de análise a educação de mulheres de países em desenvolvimento;
- “Women and Development in Africa: An Annotated Bibliography”, uma publicação da African Training and Research Centre for Women da Organização das Nações Unidas datada de 1984 em que se descrevem os estudos realizados sobre as mulheres em África no âmbito do Direito, da Comunicação ou das políticas públicas;
- “Women Artists: A Resource and Research Guide”, de Paula Chiarmonete (1982), artigo publicado na revista *Art Documentation: Journal of the Art Libraries Society of North America* dedicado à pesquisa e investigação sobre mulheres artistas;
- “Images of Women in Medieval Literature: A Selected Bibliography”, de Susan Schibanoff (1976), publicado na *Women’s Studies Newsletter*, um artigo em que a autora reflete sobre o então estado da investigação no campo da literatura medieval;
- “History of Women and Work: A Bibliography”, um artigo de Carolyn Stevens publicado na revista *Feminist Teacher* em 1993 que destacava, por temas, os trabalhos que a autora considerava essenciais para estruturar currículos e investigações;
- “Women in Latin America: The State of Research, 1975”, um artigo de Mari Knaster (1976) publicado na revista *Latin American Research Review* que inclui a revisão das atividades de investigação sobre mulheres na América Latina;
- “Women in South and Southeast Asia: Issues and Research”, um artigo de Hanna Papanek (1975) publicado na revista *Signs* que se dedicou a rever as atividades de investigação sobre mulheres na Índia, na Indonésia, no Paquistão e no Bangladesh;
- “Women and Their Environments: A Bibliography for Research and Teaching”, um artigo de Jane Yett (1984) publicado na revista *Environmental Review*, que apresenta a investigação em que os «Estudos sobre as Mulheres» se articulavam com a temática do ambientalismo;

- “Women Writers and the Survey of English Literature: A Proposal and Annotated Bibliography for Teachers”, um artigo de Jonathan Kamholtz e Robin Sheets (1984) publicado na revista *College English* em que se sugere, a colegas docentes, o trabalho de mulheres escritoras enquanto alternativas aos tradicionalmente ensinados autores masculinos na Literatura Inglesa;
- “American Women of Color Artists: A Selected, Annotated Bibliography of General Sources and Exhibition Catalogs”, um artigo de Susan Beelick (1993) publicado na revista *Visual Arts Research* que se constitui como um ponto de partida para a investigação sobre um sub-grupo particular de mulheres que é uma minoria dentro de uma minoria;
- “Bibliography on Music and Gender - Women in Music”, um artigo de Jane Bowers e Urban Bareis (1991) publicado na revista *The World of Music* que compila registos sobre a importância das mulheres na música;
- “Women and the Visual Arts: A Bibliography”, um artigo de Ferris Olin e Barbara Miller (1987) publicado na revista *Women’s Studies Quarterly* que se dedicou a recolher bibliografia sobre mulheres nas artes visuais.

Na Europa, a criação de distintos centros de documentação foi uma parte significativa da história da implementação dos «Estudos sobre as Mulheres». Em França destacou-se, logo em 1931, a criação da Biblioteca Marguerite Durand, a primeira biblioteca oficial de documentação feminista constituída por coleções reunidas pela própria Marguerite Durant. As coleções disponibilizadas incluíram livros, periódicos, dossiers, manuscritos, fotografias ou cartas (Dizier-Metz, 1993: 7).

Nos Países Baixos sobressai o arquivo sobre Anna Maria Van Schuurman que, de acordo com a sua principal biógrafa, Pieta Van Beek (2010) em *The first female university student: Anna Maria van Schurman (1636)*, terá sido a primeira mulher estudante universitária na Universidade de Utrecht na Holanda e também na Europa. Sobressai também, ainda nos Países Baixos, o International Archive for the Women’s Movement fundado em 1935 em Amsterdão (Jong e Wieringa, 2013: 13).

Num contexto de transformação em virtude da consolidação do campo de conhecimento dos «Estudos sobre as Mulheres», as décadas de 80 e 90 revelaram a importância de as instituições europeias de financiamento apoiarem iniciativas de valorização com diferentes naturezas, como conferências e redes de colaboração internacionais. Neste enquadramento destacaram-se, entre outras, duas iniciativas emblemáticas em dois países europeus: em Itália teve importância a *Conferencia Perleparole*; e em França destacou-se a rede de colaboração *Project Grace*, coordenada pela filósofa Françoise Collin. Tais iniciativas emblemáticas no contexto europeu pretenderam participar de um projeto mais abrangente e ambicioso — a consolidação da criação de um novo sujeito político.

De facto, nas últimas décadas do Séc. XX, a partir de 1970, movimentos de mulheres italianas participaram decisivamente no desenvolvimento de arquivos e bibliotecas, culminando na documentação da história dos feminismos no contexto da história das mulheres. Começando por ser um trabalho de recolha documental e de conservação da memória, o progresso das iniciativas acabou por se centrar também nos critérios de recolha e em questões específicas, trazendo para a luz questões metodológicas e conceptuais, como, por exemplo, a utilização de linguagem não neutra e a neutralidade do conhecimento, que funcionaria como uma invisibilização da presença da mulher na sociedade (Petricola, 2020: 167-175). Curadoras do primeiro *thesaurus* de género em língua italiana - *Linguaggiodonna*⁶ - Adriana Perrota Rabissi e Maria Beatrice Perucci (1991) defendem, a partir da inovadora *Conferencia Perleparole*, que o objetivo de recolher, organizar e disponibilizar o património escrito neste campo de conhecimento resulta numa valorização da história e constitui um valor científico, cultural e, acima de tudo, político: “Se o acervo do material tem por objetivo evitar que ele se disperse, a catalogação de seus conteúdos informativos responde à ideia de iniciar um processo de reflexão e estudo sobre a história dos

⁶ *Linguaggiodonna* pode ser acedido a partir da página web da Fondazione Elvira Badaracco em <https://www.fondazionebadaracco.it/wp-content/uploads/2021/05/Linguaggiodonna.pdf>

acontecimentos coletivos daqueles anos, que viram as mulheres expressar-se, pela primeira vez, talvez, em tal medida, como novos sujeitos políticos”⁷ (Rabissi e Perucci, 1991: 9). As perspectivas de todos os sujeitos que interagem devia passar a ser reconhecida, validada e considerada em novos processos de construção de conhecimento.

A rede de colaboração europeia *Project Grace*, coordenada pela filósofa Françoise Collin dos *Cahiers du Grif*, foi também um importante momento neste contexto. A participação de Portugal nesta decisiva rede aconteceu a partir da colaboração de Teresa Joaquim, como representante, e consistiu em esforços desenvolvidos no sentido da dinamização de iniciativas com objetivos específicos de disseminação de conhecimento produzido no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, tais como a elaboração de uma base de dados, guias para estudantes, edição de publicações temáticas e a realização de seminários.

Analisar os instrumentos bibliográficos disponíveis na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas oferece a possibilidade de obter uma perspetiva mais abrangente — pode afirmar-se que se pode obter uma perspetiva panorâmica — sobre a produção científica neste campo do conhecimento. De acordo com Jong e Wieringa (2013: 13), “o principal objetivo de uma biblioteca e/ou arquivo sobre mulheres é preservar o património de mulheres e dos seus movimentos, e contribuir para a emancipação através da disseminação do conhecimento sobre questões de género”⁸. Estes espaços não são, tal como defende Aleksander (2013), apenas espaços; são, antes, um tesouro de conhecimento e um laboratório de reflexão (Aleksander, 2013: 31)⁹.

⁷ Tradução livre da autora. No original: “*Se la raccolta del materiale ha il fine di impedire che esso vada perduto, la catalogazione dei suoi contenuti informativi risponde all’idea di avviare un processo di riflessione e di studio sulla storia delle vicende collettive di quegli anni, che hanno visto le donne esprimersi, per la prima volta, forse, in modo così esteso, in qualità di nuovi soggetti politici*” (Rabissi e Perucci, 1991: 9).

⁸ Tradução livre da autora. No original: “The major goal of a women’s library and/or archive is to preserve the heritage of women and their movements, and to contribute to emancipation through disseminating knowledge about gender issues” (Jong e Wieringa, 2013: 13).

⁹ Tradução livre da autora. No original: “I argue that a women’s/gender library is not just a simple warehouse of books about gender studies, but rather a treasure trove of feminist knowledge, a laboratory of thoughts” (Aleksander, 2013: 31).

Para além de distinguir informações valiosas sobre questões metodológicas e conceptuais, o conjunto de produções científicas compiladas em instrumentos bibliográficos pode revelar ainda informação sobre as relações sociais que caracterizam as desigualdades de género na sociedade.

É neste contexto que têm também importância, hoje em dia, as instituições internacionais que se dedicam a providenciar informação, como é o caso do European Institute for Gender Equality (EIGE)¹⁰. O EIGE foi fundado em 2007 e produz investigação, dados estatísticos e boas práticas sobre a igualdade de género na União Europeia garantindo, através da cooperação institucional, que a excelência do conhecimento produzido tem impacto nas diversas políticas europeias.

Na área da literatura, das ciências sociais, das ciências humanas, da matemática, da educação, das artes ou do ambiente, as diversas iniciativas descritas têm-se notabilizado pela compilação, apresentação, descrição e difusão de um elevado número de recursos e publicações cuja disseminação se traduziu num importante passo para a consolidação do campo de conhecimento «Estudos sobre as Mulheres». Localizar recursos para a produção de conhecimento nesta área passou a ser fácil a partir da década de 70 do século XX.

¹⁰ A página web do EIGE — *European Institute for Gender Equality* — pode ser acedida a partir de: <https://eige.europa.eu/>

3. Os Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal

O campo dos Estudos sobre as Mulheres é um campo relativamente recente da investigação no mundo e, particularmente, em Portugal, país em que apenas se consolidou na década de 1990 (Amâncio, 2003). A partir daquela altura, a consolidação deste campo disciplinar resultou da interação de diferentes fatores - despontaram as primeiras revistas académicas dedicadas especificamente ao tema, a *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher* e a *ex æquo*, assim como surgiram os primeiros programas de mestrado que potenciaram a criação de conhecimento sobre estas problemáticas.

De acordo com Teresa Joaquim e Maria do Mar Pereira (2009), João Esteves (2014) e Manuela Tavares (2008), vários fatores contribuíram ainda para a consolidação deste campo de estudos, entre outros:

- o trabalho intenso de várias associações, como a Associação Portuguesa dos Estudos sobre as Mulheres (APEM), a Associação Portuguesa da História das Mulheres (APHIM) e a Associação Portuguesa para as Mulheres na Ciência (AMONET);
- o compromisso na academia com a criação de novos cursos e graus, como foi o caso da Universidade Aberta com o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, o primeiro em Portugal, da Universidade de Coimbra, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade de Évora ou da Universidade do Porto;
- a criação de oportunidades de publicação através de revistas, arquivos e centros de recursos, que permitiram e continuam a permitir o acesso a documentos relevantes para o trabalho na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas;
- a criação de programas de doutoramento em Estudos sobre as Mulheres na Universidade Aberta e em Estudos Feministas na Universidade de Coimbra;
- a experiência de diversas conferências nacionais e internacionais;
- a publicação de livros e coleções neste campo do conhecimento;

— a criação de centros de documentação.

Considera-se, pois, que “ocorreram fortes mudanças e inovações e, portanto, a situação atual é aquela em que o acesso a oportunidades de formação, financiamento e publicação em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em português é mais fácil” (Joaquim e Pereira, 2009: 117). Neste contexto salienta-se o facto de “que só em 2012 se tenha criado o Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), o primeiro centro de investigação científica inteiramente dedicado a este domínio, e hoje reconhecido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)” (Torres, Sant’Ana e Maciel, 2015 : 1).

Tal como Ferreira *et al* (2020) sugerem a partir da análise bibliográfica às revistas *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher e ex æquo*, “os resultados mostram que os Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas (EMGF) têm vindo a consolidar-se como um campo de estudos interdisciplinares e com uma tendência crescente para a investigação de carácter colaborativo” (Ferreira *et al*, 2020: 23). Com o mérito da interdisciplinaridade, os instrumentos bibliográficos são o resultado de esforços, conhecimentos e contribuições que provêm das mais variadas áreas que, desde as ciências sociais às artes, vão dando a possibilidade, a quem os consulta, de imaginar novas narrativas e caminhos. Constituem um contributo importante para desocultar e disseminar o trabalho que se vai desenvolvendo nesta área do conhecimento. Marcel Mauss (2003 [1950]) já havia consignado alguma consideração a este propósito: “é nos confins das ciências, em suas bordas exteriores, com tanta frequência quanto em seus princípios, seu núcleo e seu centro, que se fazem os progressos” (Mauss, 2003 [1950]: 324).

A existência de instrumentos bibliográficos adequados facilita a investigação no contexto dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas e através do exame das suas produções compreendem-se também as principais temáticas, as principais visibilidades e, acima de tudo, as principais invisibilidades. O artigo “A Revista Crítica de Ciências Sociais e o Feminismo (1978-2017)” de Adriana

Bebiano e Maria Irene Ramalho (2018) constitui um bom exemplo e um importante contributo para esta discussão. Neste artigo publicado na *Revista Crítica de Ciências Sociais* é traçado o percurso dos trabalhos feministas publicados naquela revista, dando conta das temáticas feministas que a revista publicou desde a sua fundação em 1978, clarificando as principais linhas de trabalho: Literatura e Feminismo; Ciências Sociais e Feminismo; Feminismo e cidadania europeia; Feminismo e Estudos *Queer*; Feminismo, cidadania e outros saberes; Feminismo e teatros de guerra; Religião e Feminismo (Bebiano e Ramalho, 2018).

A análise de Ferreira *et al* (2020) revela que as publicações científicas neste campo do conhecimento têm vindo a demonstrar que:

“(...) os «Estudos sobre as Mulheres», os feminismos, as questões de género, significam na trajetória da produção portuguesa um campo ainda em expansão, mas incontestavelmente não ignorado, seja pelos crescentes contributos das suas pesquisas, seja pelo reconhecimento científico das publicações, ou ainda pela resistência contra a marginalização das perspectivas feministas e de género na academia” (Ferreira *et al*, 2020: 27-28).

Daí que também Graça Abranches (2000) tenha defendido que seria, portanto, “urgente o recenseamento bibliográfico exaustivo de trabalhos académicos com relevância para este domínio, como são urgentes catálogos *raisonnés* de estudos em publicações periódicas, uma parte muito significativa da produção científica dos últimos anos na área de Estudos sobre as Mulheres em Portugal” (2000: 222).

4. Portugal — Instrumentos bibliográficos de referência

Em Portugal têm-se envidado esforços no sentido da criação de ferramentas bibliográficas que ajudam a fomentar a investigação no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, destacando-se vários momentos em que o trabalho de recolha e organização de bibliografia neste campo disciplinar foi e continua a ser relevante.

Um dos primeiros exemplos do interesse pela catalogação do trabalho das mulheres viu luz logo em 1924, ano em que Thereza Leitão de Barros publicou *Escritoras de Portugal*. Em 1930 Maria Lamas organizou o Certame *Mulheres Portuguesas*, em que se expuseram obras de mulheres no campo da literatura, das artes e das ciências. Em 1947 Maria Lamas organizou a *Exposição de Livros Escritos por Mulheres*, no âmbito do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, uma iniciativa emblemática que teve grande impacto a nível nacional e internacional.

Centros de documentação

O surgimento de centros de documentação em Portugal foi um importante momento para a consolidação da valorização do conhecimento sobre as mulheres. O Centro de Informação e Documentação da actual Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género foi criado na então Comissão da Condição Feminina em 1977, constituindo-se na altura como o único e exclusivo centro de documentação com um acervo bastante significativo de recursos sobre a situação das mulheres. Destaca-se também a criação do Centro de Documentação e de Publicações da Fundação Cuidar o Futuro, a criação do Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães e a criação do Centro de Recursos e Conhecimento Digital Maria Alzira Lemos¹¹. Mais recentemente surgiu a Biblioteca Especializada Ana de Castro Osório na Biblioteca de Belém.

¹¹ O Centro de Recursos e Conhecimento Digital Maria Alzira Lemos pode ser acedido *online* a partir de <https://recursos.plataformamulheres.org.pt/>

Publicações

Um outro momento importante de produção de recursos bibliográficos em Portugal, no entanto, demonstrou contornos diversificados. Cada um destes recursos tem em si um valor indiscutível — o de se configurarem enquanto valiosos instrumentos para a produção de conhecimento científico. O impacto da existência de um número cada vez mais elevado e diversificado de produções científicas, especialmente no enquadramento da História das Mulheres, alastrou-se a vários formatos e começaram a surgir bibliografias específicas e dicionários, revelando a valorização e a importância da visibilidade a atribuir às mulheres.

Uma das obras mais significativas publicadas em Portugal é, sem dúvida, *A mulher em textos e contextos: um recenseamento bibliográfico, tematicamente indexado, sobre publicações portuguesas (1974 - 1988)* de Luís Esteves Melo Campos (1989). Neste título o autor inventaria e apresenta as publicações periódicas portuguesas naquele período específico da história.

Uma outra importante referência é a *Bibliografia sobre a família e a mulher no Portugal do século XX* de Ana Nunes de Almeida (1987). A partir do domínio da sociologia, a autora recolheu títulos relevantes para a investigação sobre a família e as dinâmicas de vida das mulheres relativos ao século XX em Portugal.

A compilação *Um século de periódicos femininos – inventário de periódicos publicados entre 1807 e 1926* de Ivone Leal (1982) é também uma importante parte da história dos instrumentos bibliográficos portugueses no campo dos «Estudos sobre as Mulheres». A autora procedeu à listagem de revistas femininas publicadas entre aqueles anos, um género de publicação fundamental na discussão de ideias como o sufrágismo ou a educação mas amplamente desconsiderado até então.

Irene Vaquinhas (2002, 2003) tem dado um contributo especial em artigos como “Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço” publicado na revista *HISTÓRIA*, ou “L’historiographie sur les femmes au Portugal: le XIX^e siècle”, capítulo do livro *Écrire l’histoire des femmes en Europe du Sud: XIX^e-XX^e siècles* coordenado por Gisela Bock e Anne Cova. Sem carácter descritivo, nestes artigos a autora apresenta a historiografia portuguesa na área da história das mulheres, debatendo os principais temas que iam surgindo e procedendo à problematização das principais questões teóricas que o campo de investigação suscitava.

O *Dicionário As mulheres e a Unidade Europeia* (2021), coordenado por Isabel Baltazar, Alice Cunha e Isabel Lousada, é um trabalho que se dedica a dar visibilidade a todas as mulheres portuguesas ou europeias que se devotaram a refletir sobre a construção europeia durante os séculos XIX e XX. Intituladas nesta obra como «mães fundadoras», o *Dicionário As mulheres e a Unidade Europeia* debruça-se sobre o seu papel na fundação das ideias que a Europa consagra atualmente.

Um dos resultados do projeto *Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração* foi a criação de uma base de dados dedicada ao tema das mulheres escritoras. A base de dados Mulheres Escritoras — *Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração*¹² — inclui a escrita realizada por mulheres entre 1926 e 1974 e consiste, como pode ler-se no website do projeto, “na catalogação e na análise da produção literária das autoras de nacionalidade portuguesa e/ou de língua portuguesa, oriundas de países africanos, asiáticos, ou de países onde a emigração portuguesa criou focos de língua e de cultura, que publicaram entre 1926 e 1974”.

¹² A base de dados Mulheres Escritoras — *Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração* — pode ser acedida online a partir de <https://mulheresescritoras.pt/index.php>.

O *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes* de Ana Barradas é um outro exemplo de bibliografia sobre mulheres com carácter desbravador. A autora apresentou, na 1ª edição datada de 1998, mulheres que lutaram pela igualdade e se opuseram à dominação, seguindo-se, em 2006, a atualização da bibliografia no *Dicionário de Mulheres Rebeldes*. Trata-se de uma obra que acolhe sete centenas de registos.

Destaca-se também o *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)* de Zília de Castro Osório e João Esteves, publicado em 2005. Trata-se de uma obra que deixa a descoberto a intervenção política, social e literária de mulheres na sociedade e na História portuguesas. Publicada pelo Centro de Estudos sobre a Mulher, o livro tem um total de 950 páginas e aproximadamente três mil entradas revelando a biografia de mulheres que ativamente intervieram na sociedade portuguesa, especialmente durante a 1ª República (1910-1926) e durante o período do Estado Novo (1926- 1974).

Na sequência do anteriormente referido dicionário, o *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género editou, em 2013, o importante título *Feminæ – Dicionário Contemporâneo*¹³. Com direcção de João Esteves e Zília Osório de Castro (2013), trata-se de um dicionário que oferece continuidade ao primeiro dicionário publicado pela Livros Horizonte, constituindo-se como um importante contributo para o conhecimento da sociedade portuguesa na medida em que agrega um conjunto de mulheres que se evidenciaram e cuja obra e influência devem ser destacadas. A propósito destes dois últimos instrumentos, escreve João Esteves (2014) que são

“projetos coletivos de dezenas de estudiosos que, entre outros objetivos, procurou dar visibilidade a mulheres que, dalgum modo, lutaram pelos seus direitos e/ou intervieram publicamente, compreendendo, ainda, entradas sobre periódicos, instituições, congregações religiosas, organizações,

¹³ *Feminæ – Dicionário Contemporâneo* encontra-se disponível em acesso aberto a partir de <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?skey=0BC86F59EEEF4B5DA62821F712ACB60E&doc=95065&img=139416>

contêm relevantes dados para a época em análise. A lista de autores/autoras e a comparação com dicionários anteriores, onde são notórias as lacunas e ausências de nomes femininos, por mais relevantes que fossem, evidenciam o quanto já se retificou nos enfoques a ter quando se estuda a 1.ª República” (2014: 45).

É ainda notável, e de elevado reconhecimento, o *Dicionário da Crítica Feminista*¹⁴ organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral também em 2005. Este trabalho surge a partir da necessidade das suas organizadoras de adaptar os conceitos das teorias críticas feministas de outras línguas para a língua portuguesa, procedendo então à sua organização e indexação. O projeto surgiu em 1993, enquadrado por necessidades específicas com que as suas autoras se depararam em trabalhos de investigação:

“Uma grande parte da pesquisa até então por nós efectuada utilizara bibliografia crítica essencialmente anglo-americana e francesa e, assim, um dos problemas imediatos com que nos deparámos, ao sermos confrontadas com a necessidade de formular em português os conceitos que naturalmente utilizávamos em inglês ou francês, foi a inexistência de muitos desses mesmos conceitos ou termos na língua portuguesa. Contudo, eles já aí existiam *clandestinamente*, ao serem frequentemente utilizados, em diferentes registos e situações discursivas, ora no original, ora em traduções apressadas. Daí o termos concluído do imperativo que era criar, adaptar, e/ou traduzir, de uma forma rigorosa, os conceitos fundamentais da teoria crítica feminista, e proceder depois à sua organização e indexação num glossário que contemplasse a abrangência do debate dessa mesma crítica, fundamentada em relações de interdisciplinaridade e intertextualidade entre os vários métodos críticos e as distintas áreas do saber” (Macedo e Amaral, 2005: XVII).

¹⁴ *Dicionário da Crítica Feminista* encontra-se disponível a partir de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/65561>

O Observatório das Famílias e das Políticas de Família (OFAP), uma estrutura orgânica do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, publica também uma bibliografia¹⁵ com referências sobre família e género na sociedade portuguesa a partir de uma perspetiva sociológica. Esta bibliografia está disponível *online* em acesso aberto e encontra-se em permanente atualização.

O expoente máximo deste tipo de trabalhos em Portugal, no entanto, é *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)* de Maria Regina Tavares da Silva (1999). Autora do prefácio a esta obra, Maria de Lourdes Pintasilgo atribuiu-lhe uma importância enorme, considerando que é partir de *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)* que “pode ser construído o edifício da história do pensamento sobre as mulheres em Portugal” (Pintasilgo in Silva, 1999: XV), afirmando ainda que a sua importância reside na “necessidade de o conhecimento científico se apoiar sempre em bases de dados. E tanto mais quanto mais recente é a constituição de um corpo de saber autónomo e diferenciado” (Pintasilgo in Silva, 1999: XV).

Este é um trabalho inovador que parte da criação da primeira bibliografia geral retrospectiva de monografias sobre mulheres, uma bibliografia que se tornou uma ferramenta de trabalho incontornável nesta área de conhecimento. Tal como Graça Abranches salienta na recensão que escreveu sobre esta obra, “o rigor deste levantamento e o cuidado posto nas notas de leitura que acompanham a maioria dos títulos inventariados tornam esta bibliografia um instrumento de trabalho absolutamente indispensável para as investigadoras e investigadores que se dedicam aos Estudos sobre as Mulheres em Portugal” (Abranches, 2000: 221).

De forma generalizada tem-se reconhecido, de facto, que a obra *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)* de Maria Regina Tavares da Silva (1999) foi um trabalho pioneiro em Portugal.

¹⁵ A *Bibliografia* do Observatório das Famílias e das Políticas de Família, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, encontra-se disponível em acesso aberto a partir de <https://ofap.ics.ulisboa.pt/bibliografia/publicacoes-cientificas/>

Maria de Lourdes Pintasilgo deixa um desafio à continuação do trabalho iniciado em *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)*: “Estas observações são a formulação de um voto: o de que a autora possa continuar em outros domínios o trabalho iniciado nesta Bibliografia que considero um marco para a investigação sobre a representação das mulheres na história das ideias em Portugal (Pintasilgo in Silva, 1999: XIV).

Foi a partir do trabalho de Maria Regina Tavares da Silva que se concebeu, em 2006, a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, objeto de análise na presente dissertação de mestrado, uma iniciativa que pretendeu dar continuidade ao recenseamento elaborado por esta autora.

Em seguida proceder-se-á à sua caracterização.

Capítulo 2 - A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas — apresentação e caracterização

1. A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas — BDEsMGF

A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas é um projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia — PIHM/CPO/ 63639/2005. Foi elaborada inicialmente por Patrícia Brito Mendes e em seguida pela autora da presente dissertação sob coordenação científica da Prof.^a Teresa Joaquim no âmbito do Grupo de Investigação *Estudos sobre as Mulheres — Género, Sociedade e Cultura* do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta. A iniciativa consiste na recolha, análise e compilação de informação bibliográfica proveniente das Ciências Sociais e Humanas que seja relevante para a investigação em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

O projeto foi concebido e desenvolvido por um conjunto articulado de profissionais com diferentes competências da Universidade Aberta. Para além da Prof.^a Teresa Joaquim, coordenadora científica do projeto, da criação inicial da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas fizeram também parte os Serviços de Documentação, os Serviços de Produção Digital e os Serviços de Informática. O trabalho conjunto permitiu a consolidação do projeto e os resultados são visíveis na página web da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. A Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas — de ora em diante designada por BDEsMGF — é um instrumento de apoio à pesquisa de estudos efetuados neste campo do conhecimento e pode ser acedida e consultada *online* a partir da seguinte hiperligação:

Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas:

http://www2.uab.pt/cemri_esm/index2.php?p=true

Na Figura 2.1 pode observar-se a página de entrada no projeto.



Figura: 2.1: Imagem da página de entrada na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

A obra *A Mulher, Bibliografia Portuguesa Anotada, 1518-1998* que Maria Regina Tavares da Silva publicou em 1999 deu o mote para o arranque deste projeto. A BDEsMGF, por seu lado, assenta num registo diferente e de maior alcance, devido, sobretudo, à disponibilização *online* em formato aberto e à democratização no acesso ao conhecimento que esse formato aberto tem vindo a permitir.

À medida que um número cada vez maior de obras passa a estar disponível em formato digital, aumentam também as possibilidades de aceder a arquivos consistentes em que a informação sobre o estatuto das mulheres na sociedade pode ser melhor compreendida. As bibliotecas, que durante séculos foram os repositórios de informação e conhecimento por excelência, já não detêm a exclusividade do acesso à informação e ao conhecimento. De facto, o estímulo do mundo digital apela à ideia mais abrangente de se conseguir reunir vários formatos diferentes num único repositório. A BDEsMGF tem, também, neste enquadramento, uma importante posição enquanto repositório de informação sobre mulheres, género e feminismos em língua portuguesa.

Trata-se de uma base de dados de publicações diversificadas que se focam na forma como a categoria analítica género teve e continua a ter impacto num amplo espectro de áreas temáticas e disciplinares. É, portanto, um importante repositório de perspectivas históricas, sociais e culturais contemporâneas sobre a evolução dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal. As publicações consideradas no projeto incluem monografias, livros, capítulos de livros, atas, documentos de conferências, dissertações, relatórios de ONG ou governamentais, entre outras. Combina investigação interdisciplinar sobre mulheres e género em vários campos disciplinares, incluindo antropologia, sociologia, história, psicologia, política social, direito, economia, artes, cultura, literatura, entre outros. Para quem exerce atividades de investigação, docência ou estudantis, a BDEsMGF oferece um repositório relevante de material em todo o espectro dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

A BDEsMGF constitui-se, desta forma, como uma ferramenta fundamental tanto no apoio curricular como na cobertura interdisciplinar que providencia a quem a consulta. Importa considerar, portanto, que o trabalho científico e académico nesta área de estudos tem a interdisciplinaridade no seu cerne. Nesse sentido, equacionar e discutir a importância da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas permite, de forma sustentada, diagnosticar as

áreas disciplinares em que os estudos foram produzidos e identificar possíveis lacunas e potencialidades, assim como elevar o interesse para futuros projetos ou futuras investigações em áreas omissas. Destinando-se a um público mais amplo, não apenas acadêmico, tendo em conta que a dimensão de género tem sido fundamental nas políticas públicas nacionais e internacionais nas últimas décadas, uma ferramenta desta natureza pode ser também do interesse de instituições governamentais, instituições supranacionais ou organizações da sociedade civil. A perspetiva científica e académica alia-se desta forma a uma perspetiva didática e política, contendo em si o potencial temático e disciplinar que possa despertar o interesse em projetos futuros e em áreas tradicionalmente menos valorizadas. Esta perspetiva científica e académica é uma aliada decisiva no planeamento de políticas públicas.

A permanente atualização é, portanto, indispensável à pertinência da BDEsMGF.

Sendo um recurso aberto para consulta, a BDEsMGF conta com o apoio de quem quiser colaborar na clarificação ou preenchimento de dados constantes da listagem, assim como a indicação da necessidade de introdução de entradas relevantes cuja ausência constitua uma importante lacuna ou omissão.

Desde a sua criação o projeto já passou por três fases:

1. Em 2006 foi criado o website e publicadas todas as entradas relevantes disponíveis desde 1998 a 2005.
2. Em 2013 a BDEsMGF foi atualizada com a disponibilização da produção disponível até 2010. Naquela data o projeto passou ainda por uma fase de reformulação da ferramenta inicialmente criada. Tal reformulação teve impacto ao nível dos tipos de referência e ao nível da apresentação gráfica do projeto.
3. Em 2017, por ocasião da celebração dos 20 anos do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cultura e Desenvolvimento publicou-se o ano de 2011.

A necessidade de reequacionamento da apresentação gráfica esteve associada à designação. Na primeira fase o projeto denominou-se Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, mas à luz de processos extensos e alargados de reflexão no âmbito do Grupo de Investigação Estudos sobre as Mulheres — Género, Sociedade e Cultura tornou-se urgente atualizar a designação para Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. A área denominada Estudos sobre as Mulheres e, posteriormente, Estudos de Género e Feministas, tem como central a noção de visibilidade do papel das mulheres ao longo do tempo, em diversos contextos e abordagens, enquadrando-se em diversas perspetivas disciplinares. Décadas depois dos primeiros passos dados em Portugal para a consolidação desta área do conhecimento em Portugal — destacando-se, como vimos, a criação do primeiro curso em Portugal nesta área, o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cultura e Desenvolvimento na Universidade Aberta há 25 anos atrás — é importante perceber que invisibilidades, lacunas e omissões subsistem ou quais são as áreas disciplinares em que o trabalho desenvolvido pode ainda ser escasso. É importante também perceber como dar visibilidade a questões e temas que têm vindo a tornar-se centrais, como é o caso da sexualidade, do racismo, da interseccionalidade, das migrações, entre outros.

Desde a primeira fase do projeto é, de facto, no enquadramento do Grupo de Investigação em Estudos Sobre as Mulheres - Género, Sociedade e Cultura do CEMRI/UAb, que tem devotado recursos significativos a este projeto quer ao nível da reflexão e discussão como ao nível da promoção, divulgação ou da procura por financiamento para atualização da ferramenta, que a BDEsMGF surge como uma contribuição para a dinamização e consolidação desta área de estudos em Portugal.

Na avaliação do CEMRI/UAb a BDEsMGF tem ainda recebido menção positiva no âmbito das Comissões de Avaliação Externa (CAE) da A3ES — Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior.

2. A BDEsMGF - organização de títulos

Criada com o objetivo de facilitar a localização de publicações no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas e providenciar uma perspetiva panorâmica sobre a produção científica neste campo de conhecimento, a BDEsMGF constitui-se como uma importante ferramenta de pesquisa e como um importante suporte na construção teórica de uma problemática. Uma das primeiras tarefas a desenvolver na produção de investigação científica é, de facto, a pesquisa de títulos anteriormente produzidos e difundidos sobre o tema.



The image shows the search interface of the Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. At the top, there is a header with the project name and logo. Below the header, there are four search filters: 'ANO' (Year), 'TIPO DE REFERÊNCIA' (Reference Type), 'ÁREA DE CONHECIMENTO' (Knowledge Area), and 'PALAVRA CHAVE' (Keyword). Each filter has a dropdown menu with 'todos' (all) selected. Below the filters, there is a 'PESQUISAR' (Search) button and a 'LIMPAR CAMPOS' (Clear Fields) button. At the bottom, there is a pagination bar showing 'Registos 1 a 5 do total de 987' and 'primeira <=> 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 <=> última'.

Figura: 2.2: Cabeçalho da página da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

A BDEsMGF abarca os títulos publicados em Portugal a partir de 1998, o ano em que termina o recenseamento bibliográfico em «Estudos sobre as Mulheres» elaborado por Maria Regina Tavares da Silva, até ao ano 2011, o ano de término da recolha de títulos no âmbito do projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

1998-2011

É fundamental a introdução de novas referências, uma vez que esta é uma ferramenta que tem potencial para se tornar imprescindível na produção de conhecimento científico nesta área do conhecimento em Portugal. A BDEsMGF apresenta uma compilação que facilita o acesso bibliográfico a títulos produzidos naquele período de tempo no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

987 títulos

Atualmente, a BDEsMGF tem um total de 987 entradas que correspondem à produção realizada em Portugal nesta área do conhecimento entre os anos 1998 e 2011. Sendo um instrumento bibliográfico, cumpre-se a própria desatualização da BDEsMGF assim que se publicam as referências, pelo que o objetivo da atualização periódica permanente deve ser estimulado e ativamente procurado.

Na sistematização das referências bibliográficas presentes na BDEsMGF optou-se por um tipo de ordenação em que se considera que a pesquisa se pode orientar a partir das seguintes hipóteses:

Ano da publicação
Tipo de referência
Área de conhecimento
Palavra-chave

Relativamente aos tipos de referência disponíveis, a BDEsMGF reúne formatos tradicionalmente interessantes no contexto do meio académico: Atas, Agregação, Artigos, Doutoramento, Mestrado, Monografia e Outros.

Atas
Provas de Agregação
Artigos
Teses de Doutoramento
Teses de Mestrado
Monografias
Outros

A referência “Artigos” encontrava-se ausente na formulação original da ferramenta e essa ausência é amplamente notada. O crescente interesse pela publicação *online*, incluindo a disponibilização de números antigos de revistas que têm passado, entretanto, por processos de digitalização, levou à necessidade de considerar as vantagens de introduzir também artigos na BDEsMGF. A referência “Artigos” foi incluída na atualização de 2011. Porém, a necessidade de financiamento para a atualização impediu a concretização da tarefa e, apesar da menção, não consta qualquer título enquadrado neste tipo de referência.

Os formatos diferenciados compreendidos na referência “Outros” incluem documentários, catálogos de exposição, trabalhos de investigação de organizações não governamentais, atas de conferência, documentos de arquivo municipal ou resoluções aprovadas em Conselho de Ministros. Na referência “Outros” listam-se também os produtos da articulação entre a BDEsMGF e outras bases de dados elaboradas também no enquadramento da investigação produzida no CEMRI/UAb: a *Base de Recursos Iconográficos Mulheres, Género e Culturas* do Grupo de Investigação Género, Sociedades e Culturas e da *Base de Dados Imagens e Sonoridades das Migrações* do Grupo de Investigação em Antropologia Visual.

A BDEsMGF é um recurso que detém a especificidade de se constituir, em Portugal, como um dos poucos instrumentos bibliográficos que podem apoiar os processos de construção de conhecimento sobre mulheres, género e feminismos, em áreas de conhecimento diversificadas, de forma interdisciplinar, participando assim da institucionalização deste campo de conhecimento de forma decisiva. As áreas de conhecimento presentes na ferramenta obedecem a uma organização em que se consideram disciplinas específicas e também espaços de fronteira, resultado do envolvimento dos Serviços de Documentação da UAb nos processos de reflexão que levaram à elaboração da ferramenta *online*.

Listam-se, em seguida, as áreas de conhecimento contempladas na BDEsMGF:

- Antropologia
- Artes
- Ciências da Comunicação
- Ciências da Educação
- Ciências da Enfermagem
- Ciências do Desporto
- Ciências Musicais
- Comunicação Social
- Cultura Americana
- Cultura Inglesa
- Cultura Portuguesa
- Desporto

Direito
Economia
Educação
Estudos Americanos
Estudos Ingleses
Estudos Portugueses
Filosofia
Filosofia da Educação
História
História da Arte
História das Religiões
História Social
Literatura
Literatura Americana
Literatura Brasileira
Literatura Comparada
Literatura Infanto-Juvenil
Literatura Inglesa
Literatura Norte-Americana
Literatura Portuguesa
Psicologia
Psiquiatria
Relações Interculturais
Saúde
Sexualidade
Sociologia
Sociologia do Trabalho
Linguística
Biografia
Psicologia Social
História da Educação
Ciência Política
Pintura
Literatura Clássica
Estudos Anglo-Americanos
Religião
Legislação
Bibliografia
Cinema
Teoria da Literatura
Estudos sobre as Mulheres

Teatro
Feminismo
História Militar
Política
Cultura
Biologia
Estudos de Género
Etnografia
Política Social
História da Religião
Psicossociologia
Literatura Francesa

A compilação de títulos publicados na BDEsMGF obedeceu a um principal critério previamente determinado pela equipa fundadora do projeto: a inclusão de trabalhos elaborados em português.

Será interessante observar a forma como cada referência é construída na BDEsMGF. Cada uma das referências listadas na ferramenta providencia uma descrição bibliográfica da publicação em causa, encontrando-se apenas disponível a informação preenchida. É apresentada, desde logo, uma ficha que inclui campos específicos definidos na ordenação das referências.

Veja-se, na Figura 2.3, o exemplo da primeira entrada disponível na BDEsMGF:

Título	As mulheres no mercado de trabalho em Portugal: representações e quotidianos, 1850-1940	
Autoria	BAPTISTA, Virgínia do Rosário	
Ano	1998	
Notas	Dissertação de Mestrado em História Social Contemporânea apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa	
Área de Conhecimento	HISTÓRIA SOCIAL	Palavras Chave - mulheres / trabalho / séculos XIX e XX / Portugal
Observações	Publicado, posteriormente, no ano de 1999, pela CIDM	
Localização	Biblioteca Nacional, Biblioteca do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa	
Opções	Imprimir	

Figura: 2.3: Primeira entrada na BDEsMGF

Apresentam-se, em seguida, os elementos constitutivos da ficha sobre cada referência:

Título
Autoria
Publicação
Ano
Notas
Área de Conhecimento
Palavras-Chave
Observações
Localização

As fontes consultadas para a elaboração da listagem reunida são encontradas em diferentes bibliotecas, incluindo bibliotecas universitárias e outras, assim como repositórios digitais. Verificando-se tal variedade e diversidade de detalhes tendo em conta o elevado número de fontes diferenciadas, surge o desafio da uniformidade que se coloca à apresentação de referências. Considera-se, pois, útil, que figure um espaço para colocar observações diversas para completar a identificação dos títulos. Com este propósito, criaram-se os campos “Notas” e “Observações”.

No campo “Notas” estão disponíveis informações que não pertencem a qualquer um dos outros campos como, por exemplo:

— a apresentação completa de atas de conferências, incluindo o local e a data em que o evento aconteceu ou o tema a que a comunicação esteve subordinada; a apresentação completa das indicações relativas a teses de mestrado ou doutoramento, como a universidade em que foram produzidas, a

- especificidade, sempre que se justifique, da área de conhecimento indicada ou a possível existência de versão digital do documento em causa;
- a apresentação completa da coleção ou volume em que as monografias possam estar incluídas;
 - a apresentação completa de projetos em que a monografia em causa esteja incluída, como é o caso do título ou das entidades financiadoras do projeto;
 - a indicação de que a monografia possa ser a publicação de uma tese de mestrado ou doutoramento que esteja disponível *online*;
 - a indicação completa do tipo de documento recenseado, como é o caso dos relatórios institucionais ou académicos relevantes ou dos documentários em que se indica a realização e a produção;
 - apresentação completa da referência original no caso de a referência recenseada constituir uma tradução;
 - a apresentação completa, sempre que se justifique, da consultoria científica da referência;
 - a apresentação completa de catálogos de exposições.

No campo “Observações” estão listadas, especialmente, informações relativas a publicações posteriores de teses de mestrado ou doutoramento.

O campo “Localização” remete para a localização física em que a referência pode ser consultada. Habitualmente, essa localização indica a biblioteca ou as bibliotecas em que pode ser consultada: a Biblioteca Nacional ou a biblioteca da instituição universitária que acolhe a referência.

3. O valor da BDEsMGF na disseminação da produção científica

A disseminação de conhecimento científico tem sido impactada, nas últimas décadas, pela crescente disponibilidade *online* para acolher o conhecimento produzido. As revistas científicas encontram-se disponíveis *online*, por exemplo, assim como têm vindo a aumentar as plataformas de referência em que as próprias revistas podem ser indexadas.

Totalmente disponibilizada *online*, a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas é, no seguimento das considerações acima apresentadas, uma importante ferramenta de disseminação de conhecimento, no sentido em que propicia a visibilidade da produção científica no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, arrola os principais temas que constituem o campo e potencia a análise das implicações da produção desse conhecimento científico. À medida em que se vai constituindo enquanto um suporte de comunicação e interação com um público diferenciado, uma vez que se notabiliza a importância desta compilação de títulos para um público diferenciado como as instituições da administração central e local, assim como organizações da sociedade civil, a BDEsMGF constitui-se também como um elemento importante enquanto processo de produção de conhecimento. O facto de se encontrar disponível *online*, em regime de acesso aberto, sem necessidade de registo ou criação de conta — o que representa, de facto, um conjunto coerente de boas práticas de divulgação científica — resulta na simplificação do acesso a conhecimentos científicos sobre a realidade social a nível nacional mas também a nível internacional. Esta contribuição para o panorama científico no campo de conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas tem, por isso, um importante efeito na produção científica nesta área e produz implicações na disponibilização de conhecimento necessário à mudança social na sociedade em geral.

Tal como Mattoso *et al* (2011) afirmam,

“no que se refere à inovação social, as actividades de disseminação científica procuram ir mais além, contribuindo para o desenvolvimento de novos conhecimentos, competências e formas de organização que capacitem os cidadãos e as organizações a dar resposta às grandes questões com que actualmente se defrontam. Neste caso, não se trata apenas de disseminar e partilhar mais informação e conhecimento. A finalidade última é capacitar indivíduos e organizações para as mudanças necessárias no actual contexto de crescente incerteza e complexidade em que vivemos” (Mattoso *et al*, 2011: 22).

Pode, simultaneamente, olhar-se para os repositórios “não apenas como lugares, mas também como objetos de escrutínio” (Jong e Koevoets, 2013: 3)¹⁶. É, portanto, por isso, que os repositórios bibliográficos podem ser considerados como espaços que oferecem de forma reflexiva a possibilidade de explorar como é que o conhecimento se interliga com as sociedades. São, neste sentido, espaço altamente políticos (2013: 3-5).

A disseminação da produção científica realizada é decisiva na medida em que se garante que o conhecimento produzido é efetivamente mobilizado e colocado a bom uso. A BDEsMGF é uma iniciativa com utilidade para instituições da administração pública ou organizações da sociedade civil, o que tem um impacto na procura pelo valor das referências que nela constam. A disseminação apresenta vantagens para a investigação científica e causa impactos significativos na investigação científica, impactando também a sociedade em geral através da disseminação da contribuição da produção científica nesta área para a transformação social.

¹⁶ Tradução livre da autora. No original: “*not only as locations, but also as objects of scrutiny*” Jong e Koevoets, 2013: 3).

4. Articulação entre a BDEsMGF e contextos diferenciados

A BDEsMGF é um projecto com o enorme potencial de dar origem a novas investigações em áreas bastante diversificadas das Ciências Sociais e Humanas, uma vez que compila informação relevante para várias ciências e promove a produção de investigação interdisciplinar. A BDEsMGF é, por conseguinte, um importante produto na articulação de conhecimentos. Desde logo, é importante na articulação entre investigação e produção de materiais digitais. Por outro lado, é também importante na articulação com outras bases de dados produzidas no âmbito de outros projetos e grupos de investigação do CEMRI/UAb, nomeadamente da *Base de Recursos Iconográficos Mulheres, Género e Culturas* do Grupo de Investigação Género, Sociedades e Culturas e da *Base de Dados Imagens e Sonoridades das Migrações* do Grupo de Investigação em Antropologia Visual.

Contudo, a BDEsMGF destina-se, como vimos anteriormente, a um público mais vasto, não apenas académico. Isto acontece devido ao facto de a noção analítica de género ter vindo a ser fundamental nas políticas públicas a nível nacional e a nível internacional nas últimas décadas. É, decerto, do interesse de instituições da administração central e da administração local, assim como de organizações da sociedade civil. Este instrumento tem particular interesse e vantagens naturalmente positivas para o trabalho de instituições da administração central e local e de organizações da sociedade civil também dos países de língua portuguesa. Deve notar-se o facto de que a BDEsMGF é um importante instrumento para profissionais dos países de língua portuguesa, cujo interesse tem vindo a crescer, particularmente, em articulação com o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cidadania e Desenvolvimento da Universidade Aberta. Trata-se de um curso de mestrado que tem tido, como estudantes, líderes e profissionais de organizações estatais e da sociedade civil da Guiné-Bissau, de Angola, de Cabo Verde, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe e do Brasil há anos. Uma parte significativa destas organizações trabalha em *mainstreaming* de género e aceder a bibliografia em língua portuguesa é, evidentemente, uma

necessidade constante - esta é uma das razões pela qual a incorporação de hiperligações para os recursos presentes na BDEsMGF sempre que possível pode constituir um grande valor para facilitar o acesso ao conhecimento. Alguns destes países têm vindo a realizar importantes progressos em matéria de direitos humanos, ratificando convenções internacionais relativas aos direitos das mulheres, tal como a CEDAW - Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres. No entanto, a transposição desta norma internacional para textos nacionais é demorada (Pereira e Lopes, 2012; Santos, 2015), tendo, neste contexto, um importante papel a especialização do Mestrado em Estudos Sobre as Mulheres | Género, Cidadania e Desenvolvimento. Enquanto ex-alunas deste curso de mestrado constam vários exemplos de pessoas que participaram em medidas institucionais de criação de estruturas e mecanismos estatais de proteção e de promoção dos direitos das mulheres. No caso da Guiné-Bissau, por exemplo, uma ex-aluna deste curso foi Ministra dos Negócios Estrangeiros do país e fundadora da Comissão Nacional para o Abandono das Práticas Nefastas, sendo, hoje em dia, uma das vozes mais ativas na luta contra a mutilação genital feminina. No caso de São Tomé e Príncipe, uma ex-aluna deste curso de mestrado esteve também envolvida na criação da Estratégia Nacional para a Igualdade e Equidade de Género. Pode afirmar-se, de facto, neste contexto, que as vulnerabilidades dos países não têm impedido algum progresso ao nível da legislação criada. Estas dinâmicas são um sinal decisivo de mudança e a disponibilização gratuita de recursos que a BDEsMGF possibilita pode ser um importantíssimo recurso neste enquadramento. De facto, o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cidadania e Desenvolvimento acolhe maioritariamente estudantes mulheres oriundas de países de língua portuguesa, estudantes pertencentes a instituições governamentais ou a organizações da sociedade civil. A BDEsMGF pode afirmar a sua importância como ferramenta de trabalho fundamental para pessoas de todos os países de língua portuguesa que estudam e trabalham nesta área do conhecimento.

Enquanto instrumento que providencia acesso a investigação sobre mulheres, género e feminismos, a pertinência da BDEsMGF tem impacto, de facto, conforme vimos anteriormente, no apoio ao planeamento e à elaboração de políticas públicas. Esta questão é particularmente relevante quando se considera a compilação de trabalhos associados, por exemplo, à formulação e à implementação de políticas sensíveis ao género. É também relevante quando se considera a perspetiva da interseccionalidade, uma das linhas transversais definidas na Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual»¹⁷, especificamente no Plano de Ação para o Combate à Discriminação em razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais. Um dos elementos mais importantes desta política é o reforço da questão da igualdade entre mulheres e homens — cuja visão é materializada no Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens — e, conseqüentemente, dos direitos das mulheres à luz das relações sociais de género, sendo a investigação no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas crucial para as políticas públicas de igualdade. A necessidade de cruzar as políticas de igualdade com as restantes políticas de diferentes áreas sectoriais — emprego, pobreza e exclusão social, por exemplo — exige o acesso a conhecimento especializado, conhecimento este que a BDEsMGF tem condições para continuar a disseminar. A Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual» contém também o Plano de Ação para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica. Outro importante elemento da Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual» é a sua contribuição para a revisão da Estratégia da Cooperação Portuguesa para a Igualdade de Género¹⁸. A formação a distância que o Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cidadania e Desenvolvimento possibilita, em articulação com o acesso à BDEsMGF, é, ainda, no contexto da Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual», como já vimos,

¹⁷ A Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2023 pode ser acedida em https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/12/Resol_Cons_Ministros_61_2018.pdf

¹⁸ A Estratégia da Cooperação Portuguesa para a Igualdade de Género pode ser acedida em https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/estrategia_cp_igualdade_genero.pdf

uma mais-valia para profissionais dos países de língua portuguesa que se encontrem a desenvolver iniciativas em organismos públicos ou organizações da sociedade civil na área da igualdade de género e dos direitos das mulheres.

A elaboração dos Planos para a Igualdade, uma obrigação legal para o setor público empresarial e para as empresas cotadas em bolsa que a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego apoia, são também um exemplo de necessidade de recursos que a BDEsMGF pode providenciar.

Se considerarmos a Agenda 2030, constituída pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável¹⁹, pode defender-se que a importância da BDEsMGF se enquadra no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4, especificamente no que diz respeito ao *Objetivo 4.3 - Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo à universidade*. Enquanto ferramenta digital e gratuita, a BDEsMGF pode representar a eliminação de uma barreira significativa no acesso a bibliografia relevante na área do conhecimento dos Estudos sobre Mulheres, de Género ou Feministas. A par do facto de o BDEsMGF ser uma ferramenta de acesso aberto, esta característica é particularmente interessante no contexto da oferta da UAB - uma universidade de ensino exclusivo a distância - uma vez que tanto ao nível dos cursos de licenciatura como ao nível do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres | Género, Cidadania e Desenvolvimento a UAb tem, todos os anos, uma elevada percentagem de estudantes de países de expressão portuguesa. Tendo em conta que as hiperligações para os recursos bibliográficos já têm lugar na ferramenta apesar de não preenchidas, a facilidade de acesso a bibliografia selecionada e relevante pode promover a qualidade da aprendizagem e favorecer a continuação dos estudos de muitas mulheres de países em desenvolvimento, países em que a língua portuguesa é predominante e que vêem no acesso à bibliografia uma limitação à continuação dos seus estudos. A BDEsMGF pode

¹⁹ Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável podem ser acedidos em <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

contribuir decisivamente para a remoção desta barreira, facilitando o acesso a um ensino que garanta a participação das mulheres nos processos de tomada de decisão em todos os níveis e em todas as áreas de governação dos seus países. Por esta razão, a existência da BDEsMGF contribui também para o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5, especificamente para o *Objetivo 5.5 - Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, económica e pública.*

5. A discussão sobre a interdisciplinaridade

A área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas tem em consideração a visibilidade do papel das mulheres ao longo do tempo e em enquadramentos disciplinares específicos.

No entanto, muitos dos temas listados nos instrumentos bibliográficos na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas são considerados assuntos de fronteira, podendo discutir-se, neste contexto, a importância da interdisciplinaridade. De facto, a área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas tem vindo a revelar ser capaz de produzir crítica e reflexão sobre si própria. Como sugerem Pereira e Santos (2014), uma das principais missões desta área de conhecimento tem sido o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar de análise crítica dos pressupostos epistemológicos e dos princípios metodológicos da chamada ciência dominante. Em muitos países e áreas de estudo, essa crítica feminista gerou inovações importantes: resultou não apenas em novos conceitos e métodos de investigação, mas também em propostas inovadoras a partir dos paradigmas dominantes de conceptualização do conhecimento científico. Pereira (2011; 2012) afirma que os estudos feministas são muitas vezes considerados como um conhecimento não muito “adequado”, considerando-se político ou subjetivo.

Neste trabalho parte-se da necessidade de se criar um diálogo entre a análise das áreas de conhecimento e possíveis caminhos de intervenção, não só em termos epistemológicos como também em termos de atualização da própria ferramenta - a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

Um exemplo desse diálogo ocorre no campo dos estudos literários. De acordo com Irene Vaquinhas (2019), este foi um dos encontros que trouxe a interdisciplinaridade para o centro do debate, demonstrando preocupações com a narrativa histórica no contexto do contributo feminino para as atividades literárias desde o século XIX (2019: 39).

Um outro exemplo desse diálogo pode ser afirmado a partir da centralização do debate em campos de investigação recentes como, por exemplo, a História das Mulheres e do Género. O exemplo da História das Mulheres e do Género é paradigmático deste ponto de vista. Este novo campo disciplinar tornou-se central a partir de interessantes trabalhos como *Creation of Patriarchy* de Gerda Lerner (1986), que acabaram por consolidar a importância dos repositórios sobre mulheres. O facto de haver um interesse crescente sobre as vidas das mulheres ao longo da história tem dado origem a um renovado interesse ao nível das fontes e da sua problematização.

A história das mulheres não pode ser separada da história geral.

De acordo com Esteves (2014), os intercâmbios proporcionados pela História das Mulheres e os Estudos sobre as Mulheres “alargaram o universo documental, (...) impuseram outras abordagens, quer quanto a conteúdos, quer quanto a metodologias, com as fontes a quebrarem silêncios, a «falarem» das mulheres e a tornarem-se passíveis de outras reinterpretações e, como tal, mais próximas da construção de uma História total e global, porque inclusiva” (Esteves, 2014: 49).

No entanto, tal como Jong e Wieringa (2013) defendem, quem estuda a História das Mulheres já não procura apenas heroínas ou elementos esquecidos ou desvalorizados da história. Procura, também, perceber que “mesmo que o cânone das mulheres não seja prejudicado por um sério enviesamento de género, ainda pode conter outros preconceitos. 'Adicionar' as histórias de mulheres migrantes às histórias tradicionais brancas apenas adia o problema”²⁰ (Jong e Wieringa, 2013: 18). Daí que todos os instrumentos bibliográficos possam ser condicionados às

²⁰ Tradução livre da autora. No original: “Women’s historians are no longer only searching for ignored heroines or the forgotten aspects of history; nor do they only insist that all histories are gendered and that therefore gender aspects need to be addressed everywhere. Women’s historians now realize that even if a women’s canon is unmarred by a serious gender bias, it may still contain other biases. ‘Adding’ the histories of migrant women to the white mainstream histories only defers the problem. Every decision to focus on a specific issue means that a choice is made and possibly another bias introduced. Any effort to freeze a master (mistress) narrative excludes other narratives” (Jong e Wieringa, 2013: 18).

escolhas efetuadas por quem os organiza, podendo introduzir assim novos viesamentos, omissões ou exclusões.

Para Gisela Bock (1989) os conceitos e as consequências de novas problematizações têm que ser repensados. Bock afirma que:

“não era somente as mulheres na história, mas antes a história das mulheres, a experiência das mulheres na e da história, de uma história que, embora não sendo independente da história dos homens, é, apesar de tudo, uma história específica das mulheres enquanto mulheres. As mulheres permaneceram invisíveis fundamentalmente porque elas, as suas experiências, actividades e espaços não foram considerados merecedores de análise histórica. Era, por isso, imperativo que a nova visão invertesse as hierarquias existentes entre o que era historiograficamente relevante ou não relevante. O que as mulheres querem fazer, devem fazer e fizeram está assim a ser examinado e reavaliado. Os conteúdos dos numerosos e polémicos estudos sobre a história das mulheres não podem, portanto, ser reduzidos a um denominador comum. (...) Por outro lado, a presunção de que todas as mulheres compartilham as mesmas percepções, experiências ou situações adultera a realidade histórica. A história das mulheres só pode ser compreendida no plural, nunca no singular” (1989: 160-161).

Em “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”, Joan W. Scott (1986) já havia também problematizado a questão. De acordo com Scott, a história do género deve ter o género como eixo principal e interessa que o entendimento do passado tenha em conta as mulheres mas também os homens. A introdução da relação entre a experiência feminina e a experiência masculina na análise do passado depende, de acordo com Bock e Scott, do entendimento do género enquanto categoria de análise. Sendo “o género (...) um efeito das relações de poder, da acção das instituições, das práticas e dos discursos que regulam as suas formas e significados” (Amâncio, 2003: 706), tem que ser equacionado na

análise histórica. Para que se possa entender o gênero como categoria analítica é necessário pensar em relações e processos. As investigações sobre a mulher em história não se devem limitar, de acordo com Bock (1989), à busca de um objecto até aí negligenciado - devem, sim, centrar-se na existência de relações entre seres ou grupos humanos até aí negligenciadas. Devem estudar-se ainda as relações no interior dos sexos, uma vez que se concebe a história das mulheres e do gênero como uma história relacional. Daí que seja importante que se estudem as relações entre mulheres, quer se trate das relações entre donas de casa e empregadas domésticas, entre mães e filhas ou entre missionárias e mulheres das regiões colonizadas (Bock, 1989: 170-171).

No entanto, Sandra Harding (1993) questiona a este respeito: “Quais serão os termos apropriados para dar conta do que fica ausente, invisível, emudecido, que não somente reproduzam, como uma imagem de espelho, as categorias e projetos que mistificam e distorcem os discursos dominantes?” (1993: 11). A procura da resposta a tal questão está em considerar as categorias analíticas como instáveis. Se o social está em permanente transformação, torna-se necessário “usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento. Não há ciência normal para nós!” (1993: 11).

Estes desenvolvimentos teóricos acarretam a necessidade de repensar e renomear experiências. Rosie Braidotti (2002) afirma, neste sentido, que a reflexão “requer uma visão do sujeito não como unidade, mas como um ser multifacetado com possibilidades ainda não codificadas, mas fascinantes” (Braidotti, 2002: 160).

Importa, portanto, considerar a necessidade de repensar esta questão associada a novos sujeitos:

“(…) quando um novo sujeito se torna visível na história, na esfera pública, introduzindo a sua experiência, o seu ponto de vista, dando voz aos seus pensamentos, às suas referências teóricas, os atuais sistemas de descrição

entram em crise. Novas palavras, novos campos semânticos têm que ser introduzidos para atribuir significado a essa inovação. A emergência da subjetividade feminina tem sido um desses casos que sujeitam os sistemas a um difícil teste, forçando enquadramentos existentes não apenas de disciplinas, mas também de sistemas de catalogação e indexação”²¹ (Tagliavani, 2011: 10).

A importante reflexão sobre o romper das fronteiras entre os conceitos de «esfera pública» e «esfera privada» desenvolveu-se também no quadro da produção de conhecimentos na área dos «Estudos sobre as Mulheres». Jong e Wieringa (2013) enquadram essa reflexão a partir da ideia de que é necessário mostrar como tal distinção foi útil para manter as experiências femininas no espaço privado e as experiências masculinas no espaço público e que o contributo desta área de conhecimento foi essencial: “o famoso slogan feminista radical 'o pessoal é político', apontou para o facto de que as questões que eram tradicionalmente entendidas como 'pessoais', ocorrendo na esfera privada, como por exemplo a violência doméstica, estavam fortemente ligados a uma esfera pública em que as mulheres eram desvalorizadas”²² (Jong e Wieringa, 2013: 17).

Outro exemplo daquele diálogo entre a análise das áreas de conhecimento e possíveis caminhos de intervenção é o incentivo a um debate recente sobre a relação entre a teoria feminista e a teoria política, bem como o acolhimento de contribuições que refletem a análise, numa perspectiva de género, de questões emergentes sobre novas realidades sociais, culturais e políticas. Lígia Amâncio debruça-se sobre esta questão no texto “O género no discurso das ciências

²¹ Tradução livre da autora. No original: “when a new subject becomes visible in history, in the public sphere, introducing her experience, her standpoint, giving voice to her thoughts, to her theoretical framework, current systems of description fall into crisis. New words, new semantic fields, must be introduced in order to signify that innovation. The emergence of female subjectivity has been one of those cases that put systems to a difficult test, forcing existing frameworks not only of disciplines, but also of cataloguing and indexing systems” (Tagliavani, 2011: 10).

²² Tradução livre da autora. No original: “the famous radical feminist slogan ‘the personal is political’, pointed to the fact that issues that were traditionally understood as ‘personal’, taking place in the private sphere, e.g. domestic abuse, were tightly connected to a public sphere in which women were devalued” (Jong e Wieringa, 2013: 17).

sociais”: “(...) o conceito de género deu lugar, mais recentemente, a uma perspectiva crítica sobre a produção dos saberes em diversas disciplinas das Ciências Sociais” (Amâncio, 2003: 687). De facto, esta área de estudos assiste a uma transformação na sua importância, nacional e internacionalmente, sendo as diversas disciplinas afetadas pela reflexão produzida no âmbito dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. Esta área de estudos pode, em diálogo com outras áreas também emergentes, como afirma Teresa Joaquim (2004) “constituir um desafio para as áreas disciplinares e científicas constituídas, pela inovação dos temas e das abordagens, pelo risco de transgressão das fronteiras disciplinares, pelos novos estilos de escrita, pela própria emergência e articulação com outros pontos de partida” (2004: 92).

É neste contexto de “refundação do saber” que Virgínia Ferreira (2001) se debruça sobre algumas das mudanças operadas em outras ciências pela evolução dos estudos sobre as mulheres. Refletindo sobre se o feminismo determinou algumas mudanças no edifício semântico e nos discursos produzidos, Virgínia Ferreira expõe o exemplo de ciências sociais como a sociologia, a ciência política e a economia e o raciocínio de Londa Schiebinger em *Has Feminism Changed Science?*.

No caso da sociologia, a autora sugere que as problematizações colocadas pelos estudos sobre as mulheres provocou várias alterações:

“(...) a perspectiva dos estudos sobre as mulheres tornou as categorias de sexo inseparáveis do ponto de vista científico. (...) Passou a ser impossível reflectir sobre o trabalho negligenciando a família, ou sobre o trabalho remunerado sem olhar para o trabalho doméstico, ou sobre os espaços de lazer ignorando a organização espacial e temporal da vida laboral, etc. Reforçou-se o entendimento do sistema social como um sistema global, e as relações sociais de sexo como transversais a todo o sistema social” (Ferreira, 2001: 12).

Sobre a ciência política, por seu lado, Virgínia Ferreira considera que as alterações são apenas estéticas: “[N]a ciência política (...) as relações sociais de sexo não são tomadas em conta. O que se nota é que recentemente o sexo foi substituído por ‘género’ como mera categoria empírica descritiva” (Ferreira, 2001: 14). Já a economia tem-se dedicado a três questões essenciais: “a redefinição do próprio campo da economia (deslocando a ênfase da acção racional para a da providência); a reavaliação do sistema de valores que subjaz à disciplina (reequilibrando a valorização que é feita da actividade feminina e da masculina); e o repensar da prestação de cuidados” (Ferreira, 2001: 14).

É ainda interessante ver como Londa Schiebinger em *Has Feminism Changed Science?* expõe o impacto da reflexão introduzida pelos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas nas ciências exactas:

“A primatologia já não vê a sociedade dos primatas não humanos em termos exclusivamente de machos agressivos pelo controlo do território. A arqueologia agora concebe as ‘primeiras ferramentas’ em termos de paus para escavar, cestos (usados para recolher alimentos) e lingas (para carregar bebés) a par dos tradicionais instrumentos de caça — pontas de setas, pontas de lanças, machados e cutelos. A biologia já não fala das substâncias andrógenas fetais como capazes de provocar a masculinização de certas áreas do cérebro. A lei exige que a pesquisa médica teste os procedimentos e os medicamentos tanto em homens como em mulheres” (Schiebinger, 1999 *apud* Ferreira, 2001: 10).

A análise dos títulos presentes na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas pode contribuir para a discussão. Tal como Harding (1986: 13) sugere, “(...) devemos refletir sobre tudo o que a ciência não fez, os motivos das exclusões, pois confirmam a ciência precisamente pelas ausências, sejam elas reconhecidas ou não”.

Capítulo 3 - Exploração da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

1. Procedimentos metodológicos

A presente tese de mestrado procura contribuir para a visibilidade da dinâmica da produção científica no contexto da área de conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, analisando a compilação de títulos presentes na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. Pretende-se conjugar as questões de género com o facto de a BDEsMGF ser um elemento diferenciador no contexto português.

Na sequência do primeiro e do segundo capítulo deste trabalho pode afirmar-se que os instrumentos bibliográficos de referência têm vindo a ser reconhecidos como um importante elemento facilitador do acesso a literatura especializada. Colocam-se, contudo, alguns constrangimentos à pesquisa em bases de dados especializadas. Tais constrangimentos referem-se, por exemplo, à qualidade dos títulos recenseados ou à adequação da cobertura temática que os instrumentos bibliográficos propiciam. A BDEsMGF também se debate com algumas vulnerabilidades, razão pela qual nos debruçaremos sobre as principais linhas de força que esta ferramenta de pesquisa apresenta e sobre as suas principais vulnerabilidades. Compilar bibliografia comporta, muitas vezes, ter que se proceder a escolhas difíceis.

Como se viu anteriormente, a BDEsMGF contém um total de 987 entradas, distribuídas por vários tipos de referência - monografia, doutoramento, mestrado, atas - e por várias áreas de conhecimento - Literatura, Antropologia, Sociologia, Artes, Ciências da Comunicação, Ciências da Educação, Direito, Filosofia, História, Ciência Política, Linguística, Psicologia, entre outras. Estão apresentadas referências publicadas entre os anos de 1998 e 2011, carecendo de atualização até aos dias de hoje.

Avançamos a partir da ideia de que na análise bibliográfica sobre a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas será possível mapear as temáticas de investigação mais relevantes no campo dos Estudos

sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal, assim como contribuir para a definição de caminhos futuros.

Esta é a questão de partida deste trabalho.

O principal objetivo da presente dissertação de mestrado é contribuir para o desenvolvimento, para a visibilidade e para a legitimação do conhecimento no enquadramento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, ampliando o intercâmbio de informação e conhecimento científico nesta área e contribuindo para o equacionamento da importância da interdisciplinaridade no contexto de um instrumento bibliográfico específico - a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. É o objetivo geral do trabalho.

Pormenorizadamente, distinguir a informação disponível na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, e proceder à identificação dos temas, dos enquadramentos disciplinares e de autorias que constam do acervo será o objetivo específico do presente trabalho.

Será, portanto, importante equacionar três dimensões fundamentais na presente dissertação de mestrado: quais são as formas de invisibilidade ou omissões que subsistem; quais são as áreas disciplinares que se destacam e quais as áreas em que a produção científica é ainda escassa; e procurar dar visibilidade a temas que se têm vindo a tornar centrais, como o corpo, a pluralidade de feminismos ou a sexualidade, entre outros.

Passemos, então, à metodologia privilegiada no trabalho. O enquadramento teórico da problemática constituiu-se enquanto o primeiro momento da investigação, permitindo criar as condições para estruturar a análise da informação existente na BDEsMGF.

A análise que se apresenta nesta segunda parte apoiar-se-á numa pluralidade de estratégias metodológicas, associadas a uma fonte de informação única: Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

Essas estratégias são:

a) a reflexão sobre os debates decorrentes das conferências em que a equipa do projeto participou:

“Mulheres, Género e Culturas. Recursos Digitais», Congresso Internacional Migrações e Relações Interculturais na Contemporaneidade, CEMRI/ Universidade Aberta, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 27 e 28 de outubro;

“Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas”, Seminário Internacional Mulheres, Representações Iconográficas e Conhecimento, CES, APEM e MEMGSC da Universidade Aberta, Picoas Plaza, Lisboa, 10 de julho.

b) o recurso a uma análise bibliométrica apoiada em dados estatísticos, que permita a recolha e tratamento da informação presente na compilação.

A análise bibliométrica será a técnica privilegiada no presente projeto devido a um factor predominante que ajuda a justificar a opção por esta técnica de recolha de dados: a necessidade de optar por uma técnica que permita a sistematização da informação recolhida.

A essência metodológica da presente proposta de dissertação assenta na contribuição que está disponível na BDEsMGF, na compreensão do trabalho realizado e no mapeamento de recursos visando detalhar, por exemplo, os novos temas que foram surgindo e os próximos passos a dar aquando de novas atualizações. Este conhecimento novo partirá dos contributos que aquela técnica auxiliar específica poderá dar - a bibliometria. Através da análise bibliométrica a presente proposta tentará apresentar dados quantitativos sobre as referências

que constam da BDEsMGF, prevendo-se que vá bastante além da bibliometria na medida em que se revela e concretiza uma perspetiva epistemológica sobre os temas do campo de conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. As técnicas bibliométricas podem ser aplicadas para revelar as tendências e avaliar a qualidade e a produtividade de um campo de conhecimento, simultaneamente que “(...) podem fornecer percepções valiosas não apenas sobre as questões substantivas abordadas mas também sobre as relações sociais que definem um domínio particular. Especificamente, as técnicas bibliométricas podem ser usadas para expor a estrutura social subjacente de um campo, descrevendo padrões de publicação, coautoria, citação e reconhecimento”²³ (Cronin, Davenport e Martinson, 1997: 123).

A análise bibliométrica pode oferecer valor à avaliação da evolução de um campo de conhecimento como o dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. Os estudos bibliométricos têm vindo a ser reconhecidos neste campo do conhecimento justamente porque é bastante reflexivo e capaz de produzir crítica sobre si próprio. Focamo-nos, portanto, na análise da BDEsMGF para refletir sobre padrões e práticas editoriais ao longo do tempo. Pensar nesta análise de forma longitudinal relativamente a um período específico da produção no campo de conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal, tendo em conta o período que decorre entre 1998 e 2011, pode contribuir para a contextualização da evolução.

²³ Tradução livre da autora da tese. No original: “*The journal literature of a field can furnish valuable insights into not only the substantive issues addressed by a community of more or less like-minded scholars but also into the social relations that define a particular domain. Specifically, bibliometric techniques can be used to expose the underlying social structure of a field by describing patterns of publication, co-authorship, citation, and acknowledgement*” (Cronin, Davenport e Martinson, 1997: 123).

2. Estudo dos recursos presentes na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas

O número de publicações disponíveis por ano na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas é apresentado no Gráfico 1.

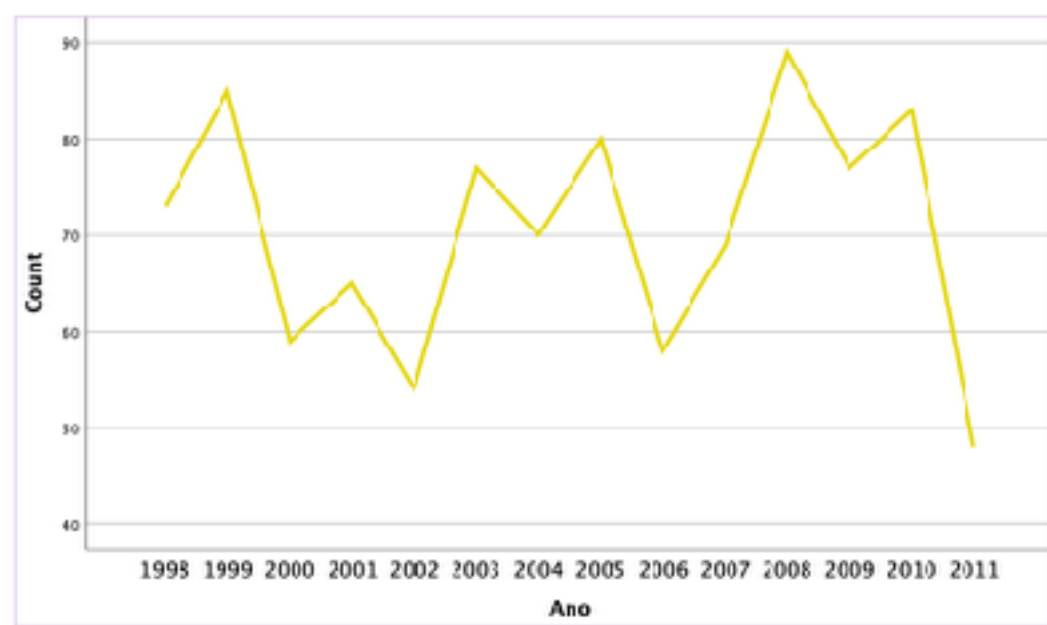


Gráfico 1. Distribuição das publicações por ano

Seria de esperar que o número de publicações demonstrasse tendência de crescimento no período que a BDEsMGF apresenta. Os dados apurados, revelam, no entanto, uma tendência de crescimento e decréscimo contínuos, culminando, no último ano apurado, 2011, com o menor número de publicações.

No sentido de proceder à caracterização das publicações por ano poderia ser útil cruzar esta variável com outras como, por exemplo, a autoria das publicações assinadas por mulheres e por homens. No entanto, não foram encontrados resultados de tendências reveladoras, manifestando-se, sim, padrões de continuidade relativamente aos estilos de autoria e coautoria: as mulheres publicam mais neste campo de conhecimento. Registam-se, também, casos de

coautoria entre homem e mulher, a situação mais frequente em que o homem é autor.

A colaboração científica, enquanto indicador bibliométrico relevante para este tipo de análise, não é evidente na análise das publicações presentes na BDEsMGF. Tendo em conta que uma fatia significativa das publicações disponíveis são dissertações de mestrado e doutoramento, o padrão mais frequente é o da autoria exclusiva. Tal como se pode constatar no Gráfico 2, apresentado em seguida, trabalhos publicados por mais do que uma pessoa são também frequentes.

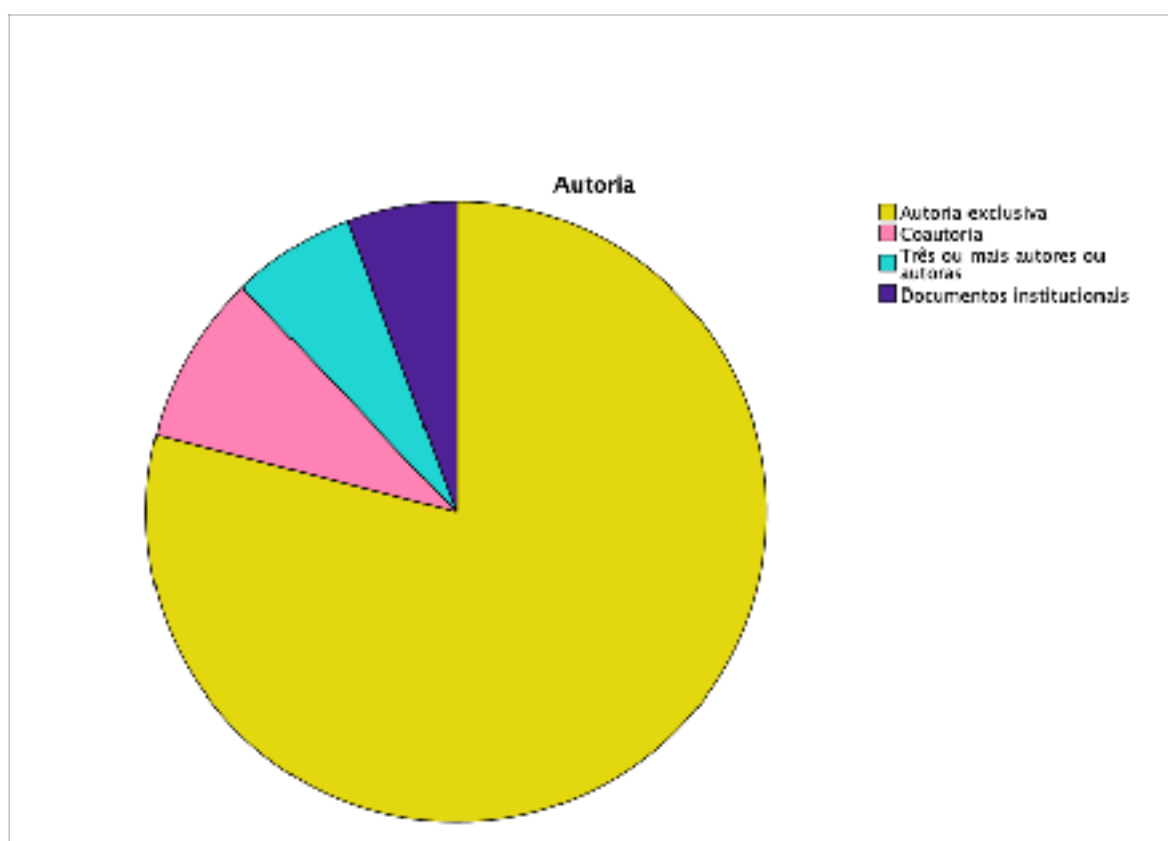


Gráfico 2. Padrões de colaboração científica na autoria

O número de publicações disponíveis na BDEsMGF por cada tipo de referência presente na ferramenta é apresentado no seguinte quadro:

Quadro 1. Número de publicações por tipo de referência

Tipo de referência	Nº de publicações
Atas	39
Provas de Agregação	4
Artigos	0
Teses de Doutoramento	95
Teses de Mestrado	346
Monografias	470
Outros	33

Destaca-se, no Quadro 1, a ausência de artigos. A ausência de publicações periódicas é uma importante limitação da Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas. Apesar de estar preparada para receber artigos de revistas académicas periódicas, essa foi uma mudança introduzida posteriormente à data da última atualização. Esperavam-se, à época, atualizações que não chegaram a concretizar-se pese embora tenham sido recolhidos os artigos publicados na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal no período que decorre de 2006 a 2010. Foram recolhidos 230 artigos correspondentes a esse período que não se encontram publicados por uma questão de homogeneização da informação disponibilizada. Quando se publicarem serão responsáveis por um acréscimo de 70% na totalidade de publicações.

Na tabela seguinte estão especificados os tipos de referência publicados por ano. De acordo com a informação disponível na BDEsMGF, a distribuição é a seguinte:

Tabela: 2.1: Distribuição do tipo de referência por ano

	Mestrado	Doutorame	Agregação	Monografia	Atas	Outros
1998	12	2	0	49	4	6
1999	17	5	0	56	2	5
2000	13	3	2	35	4	2
2001	18	2	0	39	2	4
2002	8	5	0	36	2	3
2003	23	5	0	41	1	6
2004	26	7	0	37	0	0
2005	31	9	0	36	1	3
2006	21	5	0	30	1	0
2007	28	2	0	32	5	2
2008	47	11	0	25	6	0
2009	36	14	0	24	2	1
2010	39	18	1	17	7	1
2011	27	7	0	12	2	0

A informação que se destaca na análise da Tabela 2.1 é a seguinte: 2008 foi o ano com o maior número de dissertações de mestrado; 2010 foi o ano com o maior número de teses de doutoramento e atas de conferências; 1999 foi o ano com o número de publicações de monografias mais significativo.

No presente exercício de caracterização do conteúdo da BDEsMGF importa considerar também a distribuição do número de títulos contemplados em cada área de conhecimento. O número de publicações disponíveis em cada campo de conhecimento é apresentado em seguida, por ordem decrescente de importância, no Quadro 2.

Quadro 2. Número de publicações por campo de conhecimento

Campo disciplinar	Número de publicações na BDEsMGF
Sociologia	235
História	141
Psicologia	60
Literatura	58
Estudos sobre as Mulheres	54
Ciências da Educação	42
Antropologia	33
Literatura Portuguesa	33
Saúde	30
Educação	26
Política Soc	20
Cultura Portuguesa	19
Direito	16
Ciências do Desporto	15
Ciência Política	13
Estudos de Género	13
Filosofia	11
Feminismo	11
Artes	10
Psicologia Social	10
Ciências da Comunicação	9
Economia	9
Comunicação Social	8
Literatura Americana	7
Biografia	7
Estudos Anglo-Americanos	7
História da Arte	6

Sexualidade	6
Literatura Inglesa	5
Política	5
Estudos Portugueses	4
Filosofia da Educação	4
Linguística	4
Religião	4
Teatro	4
Estudos Americanos	3
História Social	3
Cinema	3
Ciências da Enfermagem	2
Cultura Inglesa	2
Desporto	2
Estudos Ingleses	2
História das Religiões	2
Literatura Brasileira	2
Literatura Comparada	2
Relações Interculturais	2
História da Educação	2
Pintura	2
Legislação	2
Cultura	2
Ciências Musicais	1
Cultura Americana	1
Literatura Infanto-Juvenil	1
Psiquiatria	1
Sociologia do Trabalho	1
Literatura Clássica	1

Bibliografia	1
Teoria da Literatura	1
História Militar	1
Biologia	1
Etnografia	1
História da Religião	1
Psicossociologia	1
Literatura Francesa	1
Literatura Norte-Americana	0

Na análise das áreas de conhecimento que apresentam um número mais reduzido de publicações têm expressão vários exemplos com a especificidade de se encontrarem compiladas publicações únicas. É o caso das Ciências Musicais, da Bibliografia, do Cinema ou a Etnografia.

O exame do número de publicações referenciadas por área do conhecimento revela que a disciplina que inclui um maior número de referências é a Sociologia, com 235 publicações, a que se segue a História com 141 publicações, as Literaturas agregadas com 110 publicações, a Psicologia com 60 publicações, os Estudos sobre as Mulheres com 54 publicações e as Ciências da Educação com 42 publicações. As áreas do conhecimento da Antropologia, da Educação, da Política Social e da Cultura Portuguesa têm também expressão significativa. Tais resultados são consistentes com o trabalho de Ferreira *et al* (2020) na análise bibliográfica sobre as revistas *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher e ex æquo*. Lígia Amâncio (2003) afirma, neste contexto, que, de facto, foi na década de 90 do século passado que o debate teórico suscitado pela perspectiva do género, tendo em conta a interdisciplinaridade em que assenta, passou a marcar as publicações de distintas disciplinas.

O facto de a Sociologia se constituir como o campo de conhecimento com maior número de publicações na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas resultará de uma tendência de crescimento dentro da própria Sociologia. Barroso, Nico e Rodrigues (2011) afirmam que “o aumento, nas últimas décadas, da produção sociológica nos estudos de género torna pertinente a associação da análise da evolução da produção científica nesta área ao estudo do desenvolvimento profissional do campo” (2011: 73). Virgínia Ferreira (2001) coloca também a hipótese de que o aumento do número de mulheres no campo da Sociologia ajuda a explicar a dinâmica. Pelo facto de que “são elas quem mais se interessa pelas relações sociais de sexo, (...) houve uma gradual mas decisiva implantação no âmago dos estudos sobre as mulheres” (2001: 12).

Sobre o caso da História, o segundo campo disciplinar com maior número de publicações na BDEsMGF, convém destacar, na esteira de Irene Vaquinhas (2002), a importância que a História das Mulheres já adquiriu no plano da investigação histórica feita no nosso país. É certo que “trouxe para a disciplina histórica novos temas de investigação, novos conceitos e horizontes de estudo” (2002: 202). As linhas de investigação mais significativas nos últimos vinte anos são, de acordo com Irene Vaquinhas (2019), as seguintes: associativismo e mobilização feminina; contributos femininos para a construção histórica e epistemológica de saberes disciplinares; a história do corpo e da sexualidade, incluindo as questões da violência e da prostituição.

João Esteves (2014) afirma que o interesse na produção no contexto desta disciplina se explica por uma pluralidade de dimensões: “(...) o papel desempenhado desde finais dos anos 1970 pela então Comissão da Condição Feminina (...)[,] o trabalho precursor de valorização e divulgação de ativistas e intelectuais das primeiras décadas do século XX [e] (...) a relevância que o enfoque nos papéis históricos das mulheres ganhou nos meios académicos” (Esteves, 2014: 42). Este interesse teve repercussões ao nível da criação de cursos, ao nível da criação de associações de investigação, como a APEM — Associação Portuguesa dos Estudos sobre as Mulheres e a Associação

Portuguesa de Investigação Histórica sobre as Mulheres — APIHM, e, decisivamente, ao nível da criação de revistas académicas especializadas — a *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher e a ex æquo* (Esteves, 2014: 42). A 1.^a República tem tido particular interesse e atenção em Portugal, constituindo, simultaneamente, um exemplo a desenvolver: “a História das Mulheres e os Estudos Sobre as Mulheres proporcionaram intercâmbios entre áreas do saber e integraram estudiosos de formações e profissões diversas, com reflexos explícitos na produção historiográfica recente. Influenciaram, mesmo se de forma indireta, a Academia, perceptível no número crescente de dissertações de mestrado e de doutoramento envolvendo a temática das mulheres no âmbito da 1.^a República ou integrando-as na análise desta” (Esteves, 2014: 47).

Ao delinear o desenvolvimento desta área de conhecimento em Portugal desde o início do século XXI em “História das mulheres e de género em Portugal”, artigo publicado na *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*, Irene Vaquinhas (2019) defende que outros factores, como o aumento do ingresso de mulheres nos cursos de História, como discentes e docentes, a entrada do conceito de género no discurso das Ciências Sociais e Humanas e a articulação destes estudos com os estudos literários foram os principais momentos chave da evolução no campo em nos últimos vinte anos (Vaquinhas, 2019: 38-39). Esta produção interdisciplinar é visível nos dados disponíveis na BDEsMGF, que apresenta a Literatura como o terceiro campo disciplinar com maior número de publicações.

Neste contexto valerá a pena considerar também as temáticas presentes na BDEsMGF. A partir das palavras-chave de cada publicação foi possível proceder à configuração de grupos temáticos de palavras-chave e os resultados obtidos são apresentados em seguida.

No Quadro 3 poderão, portanto, observar-se as temáticas com menor representatividade na BDEsMG. Pode perceber-se, simultaneamente, a importância relativa de temáticas emergentes, como o cuidado, as masculinidades ou o corpo.

Quadro 3. Temáticas com menor representatividade

Temáticas com menor representatividade	
Saúde	28
Sexualidades	26
Literatura	21
Cuidado	20
Corpo	20
Desporto	16
Teoria e bibliografias	15
Religião	14
Legislação	13
Artes	13
Masculinidades	11
Prostituição	9
Restantes	807

No Quadro 4, em seguida, é possível observar as temáticas com maior representatividade.

Quadro 4. Temáticas com maior representatividade na BDEsMGF

Temáticas com maior representatividade	
Vidas de mulheres ilustres	156
Cidadania, participação política, inclusão e políticas sociais	111
Trabalho e emprego	87
Educação, formação e políticas educativas	85
História, 1ª República e movimentos associativos	72
Violência	57
Família, conjugalidade, casamento e divórcio	51
Direitos sexuais e reprodutivos	50
Migrações	43
Identities	37
Representações na imprensa	30
Restantes	208
Total	987

O exercício de agrupamento de palavras-chave é, de facto, um exercício arriscado. Em algumas palavras-chave não surgem conflitos, como é caso das questões migratórias. Mas em outras é necessário ter em conta a interdisciplinaridade e tomar decisões sobre a afetação da palavra-chave a um agrupamento ou outro. Tal é o caso dos trabalhos dedicados à vida de mulheres ilustres e trabalhos dedicados à 1ª República, que se interseccionam em áreas disciplinares distintas como a Literatura ou a História. A estruturação do Quadro 4 contém em si essa ambiguidade, pese embora seja possível identificar as temáticas que têm maior representatividade na BDEsMGF e, conseqüentemente, no panorama dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal.

Compilar bibliografia com o fim de a divulgar num formato como o da BDEsMGF e num campo de conhecimento como o dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas comporta, por vezes, escolhas difíceis na decisão sobre o campo de conhecimento a que as referências se devem associar. Uma bibliografia como a BDEsMGF constitui um trabalho de construção — e reconstrução — do trabalho elaborado previamente, apresentando-se esta dissertação de mestrado como um contributo para o entendimento da bibliografia disponível em Portugal no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

3. Alterações à informação disponibilizada no website do projeto

A identificação precisa dos títulos compilados na BDEsMGF é um importante factor de valorização desta ferramenta. A inventariação da informação produzida em Portugal na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas e disponível na BDEsMGF é apresentada de forma descritiva, apoiando-se numa descrição primária a partir do própria publicação em questão. Correspondendo, portanto, à necessidade de encontrar facilmente os elementos essenciais que permitem a identificação da obra, a BDEsMGF incorpora ainda a possibilidade de dar a conhecer, de forma direta, na listagem, pormenores da publicação que poderiam passar despercebidos com a sua ausência.

Necessidade de atualização

A BDEsMGF contém títulos respeitantes ao período que decorre entre 1998 e 2011. A análise a que corresponde a presente dissertação de mestrado assenta nesse período e considera-se fundamental que a ferramenta possa ser atualizada até aos dias de hoje. A reconhecida necessidade de atualização levou a equipa do projeto a efetuar tentativas de obtenção de financiamento mas nenhuma se concretizou.

Campos “Notas” e “Observações”

Os campos “Notas” e “Observações” incorporam indicações específicas sobre o tipo de referência em questão. No caso do campo “Notas”, disponibiliza-se habitualmente a informação sobre se o título corresponde a uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutoramento, se corresponde a uma ata de conferência ou se corresponde a um catálogo de uma exposição, a um documento de museu, a um documento de arquivo municipal, a resoluções aprovadas em Conselho de Ministros, a pareceres variados ou a documentários, principalmente em articulação com a Base de Dados Imagens e Sonoridades das

Migrações do CEMRI/UAb. No entanto, em alguns casos, as indicações presentes no campo “Notas” e no campo “Observações” necessitam de clarificação e ordenação, uma vez que não está uniformizado o conteúdo dos dois campos em todas as referências. Notaram-se conflitos em casos de dissertações de mestrado, teses de doutoramento e atas que se transformam, posteriormente, noutra tipo de publicação.

Campo “Áreas do conhecimento”

O campo das áreas de conhecimento de cada título presente na BDEsMGF poderá também passar por um processo de revisão. Surgem, neste contexto, alguns exemplos de títulos inseridos em áreas disciplinares inadequadas e que podem ser alteradas para refletir maior precisão. Podem, neste contexto, observar-se alguns exemplos de títulos cuja área de conhecimento pode ser reenquadrada. Neste caso, destaca-se o Catálogo das Comemorações Municipais do centenário da República — *Percursos, Conquistas e Derrotas das Mulheres na 1.ª República*, com coordenação de Teresa Pinto, de 2010, que surge enquadrado no campo de conhecimento da História e seria mais precisa a sua incorporação no campo de conhecimento da História das Mulheres.

Têm também destaque as áreas de conhecimento da Saúde ou a Biologia. Sugere-se, neste contexto, a revisão dos títulos inseridos nesta categoria com a finalidade de confirmar a sua utilidade para o contexto da produção de conhecimento em ciências sociais. Na BDEsMGF há exemplos de textos nesta área de conhecimento cuja disponibilização na ferramenta pode ser reconsiderada, tal como é o caso de, entre outros exemplos: *Contribuição para uma melhor compreensão da morbilidade sexual e da perturbação da imagem corporal da mulher mastectomizada* (1999) de Maria Catarina Batista; *Gravidez e maternidade em contexto de seropositividade* (2005), de Maria Gabriela Moura; ou *O melhor dos meus erros* (2003), de Clara Pinto Correia.

Campo “Localização”

O campo “localização” surge, na ferramenta, como uma localização em espaço físico de dissertações de mestrado ou teses de doutoramento, ocorrendo com grande frequência que a indicação presente seja a Biblioteca Nacional ou a biblioteca da universidade em que a dissertação ou tese foi elaborada. Sugere-se, portanto, tendo em conta que a BDEsMGF concretizou a articulação com os Serviços de Documentação da UAb, que a localização inclua também, sempre que se justifique, a cota de localização na biblioteca da UAb.

Campo “Hiperligação”

O desenvolvimento tecnológico dos dias de hoje exige o acesso rápido às fontes a trabalhar. Foi neste sentido que a equipa do projeto decidiu incluir na compilação de dados as hiperligações sempre que estejam disponíveis. O campo “hiperligação” já está presente na ferramenta e sugere-se que seja atualizado para o período 1998-2005, tendo em conta que já há hiperligações recolhidas e publicadas relativamente ao período 2006-2011. A incorporação de hiperligações para os recursos presentes na BDEsMGF sempre que esteja disponível constitui um grande valor para facilitar o acesso ao recurso. Na atualidade as dissertações de mestrado e teses de doutoramento são disponibilizadas em repositórios *online* e a indicação da hiperligação facilitará o acesso ao conhecimento produzido e apresentado. No entanto, algumas hiperligações já não estão estabelecidas e encontram-se desatualizadas, o que constitui uma limitação à utilidade da referência. Para evitar a posterior inativação da página web apresentada na hiperligação e a consequente impossibilidade de acesso ao recurso, sugere-se a indicação do DOI — Digital Object Identifier— sempre que esteja criado. Sendo um padrão numérico permanente atribuído a um objeto digital específico, o DOI elimina a probabilidade de inativação da página web disponibilizada.

Campo “Artigos”

Os artigos publicados em revistas científicas portuguesas foram recolhidos no caso dos anos que decorrem de 2006 a 2011, a segunda fase do projeto. Não se encontram, no entanto, publicados. A importância dos artigos é notória e prende-se, essencialmente, com a relevância que apresentam tanto para a investigação como para o desempenho profissional e académico em várias ciências sociais. A BDEsMGF está preparada para receber artigos científicos publicados em revistas periódicas portuguesas mas não contém artigos listados, apesar de recolhidos. A partir desta recolha — que não chegou a ser publicada — foi possível perceber o impacto que a introdução de artigos revelaria. Quando os artigos científicos forem publicados a BDEsMGF apresentará um aumento de 70% nas publicações disponíveis para consulta.

O artigo científico é o principal canal para a publicação e a disseminação de resultados de investigação, especialmente no caso da publicação em revistas que asseguram *peer-review*. A *ex æquo* e a *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher* são um interessante exemplo na construção do campo científico dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas, encontrando-se indexadas em bases bibliométricas internacionais. A *ex æquo* está na SCOPUS, na plataforma SCIELO e no catálogo LATINDEX; a *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher* está indexada na plataforma SCIELO, no catálogo LATINDEX, no Índice ERIH PLUS e na Virtual Library Women's History). A respeito da análise que Ferreira *et al* (2020) elaboraram sobre estas duas revistas, as suas autoras afirmam que “os resultados mostram que os Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas (EMGF) têm vindo a consolidar-se como um campo de estudos interdisciplinares e com uma tendência crescente para a investigação de carácter colaborativo. Ao longo das duas décadas analisadas, é possível encontrar a emergência de diferentes temáticas e conceções, e uma diversidade nos perfis e regimes de autoria” (Ferreira *et al*, 2020: 24).

Consideramos que seria, portanto, decisiva a atualização da BDEsMGF tendo em conta artigos produzidos na área dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e

Feministas. No prefácio a *A Mulher: bibliografia portuguesa anotada*, Maria de Lourdes Pintasilgo apoia a não inclusão naquela obra dos artigos de publicações periódicas devido ao facto de esse ser um trabalho incomportável em função do número de publicações. Consideramos que essa é uma alteração necessária à Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

Campo “Outros”

No campo “Outros” constam diferentes formatos, como visto anteriormente: documentários, catálogos de exposição, trabalhos de investigação de organizações não governamentais, resoluções do Conselho de Ministros, atas de conferência, documentos de arquivo municipal ou resoluções aprovadas em Conselho de Ministros. Há ainda documentos interessantes de resposta aos desafios da atualidade que poderiam constar na BDEsMGF. Tal é o exemplo das tomadas de posição. A Plataforma Portuguesa dos Direitos das Mulheres, especificamente, elabora tomadas de posição sobre assuntos da atualidade política nacional que podem ser acrescentadas à compilação. É também o caso de documentos estratégicos das políticas sociais nacionais. A Estratégia da Cooperação Portuguesa para a Igualdade de Género ou a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual» são dois bons exemplos de documentos que deverão vir a constar da BDEsMGF aquando de novas atualizações.

Considerações finais

A presente dissertação de mestrado propôs-se a analisar padrões de publicação na Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas que, procurando contribuir para a construção desta área do conhecimento em Portugal, revela títulos publicados entre 1998 e 2011. A associação das questões teóricas a uma análise quantitativa possibilitou tecer considerações sobre a importância dos instrumentos bibliográficos no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal, traçando o percurso e caracterizando a sua relevância para o trabalho científico e para as políticas públicas.

A BDEsMGF terá um possível interesse editorial na medida em que representa um trabalho único em Portugal que possibilita diferentes formas de olhar para o passado e para o presente, contribuindo também para a definição de caminhos futuros.

Impõe-se a sua atualização até aos dias de hoje.

Recorrendo a uma análise bibliométrica foi possível perceber tendências e padrões. Por exemplo, que as áreas do conhecimento em que se produziu mais conhecimento, naquele período, no campo dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas foram a Sociologia (235 títulos), a História (141 títulos) e a Literatura (110 títulos). Foi também possível distinguir padrões de publicação nos tipos de referência disponíveis: em Portugal publicaram-se, naquele período, mais monografias (470 títulos) e dissertações de mestrado (346 títulos) do que outro tipo de referência. Este resultado parece ser ilusório, uma vez que a ferramenta não inclui artigos científicos e se considera, neste trabalho, a importância de incluir este tipo de referência na próxima atualização que ocorra. Os dados recolhidos não demonstram, para este período, como se esperaria, um número crescente de publicações nesta área; demonstram, por outro lado, um elevado número de publicações com autoria exclusiva e de mulheres.

A organização da compilação assenta em escolhas que têm impacto significativo nos resultados apurados. Tendo em conta que o campo do conhecimento dos

Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas é essencialmente interdisciplinar, as opções pela área disciplinar em que os títulos são incluídos obriga, muitas vezes, à exclusão de outra área. O melhor exemplo desta consideração é o facto de o campo disciplinar “Feminismo” apresentar apenas 11 resultados.

A multiplicidade de temáticas de investigação reveladas na análise à BDEsMGF é demonstrativa da investigação produzida em Portugal na área do conhecimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas.

A análise temática revela a presença de importantes temas, como as questões da sexualidade — com 26 títulos subordinados — e as questões associadas ao corpo — com 20 títulos. No prefácio de *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)* Maria de Lourdes Pintasilgo já levantava questões sobre a ausência da temática da sexualidade naquela obra de Maria Regina Tavares da Silva. Maria de Lourdes Pintasilgo escreveu também sobre a ausência de autobiografias, que considera que seriam a revelação do “mundo próprio das mulheres visto por dentro, numa subjectividade sem protecção nem limites e, em certa medida, o negativo do que discursos, artigos, panfletos, etc., dizem, no seu pretensu modo objectivo” (Pintasilgo in Silva, 1999: XIII-XIV). Relativamente a esta consideração, a análise da BDEsMGF revela que as vidas de mulheres ilustres são um dos temas com maior número de trabalhos associados.

De facto, a observação das palavras-chave presentes nos títulos compilados na BDEsMGF permite perceber que as temáticas mais frequentes são as vidas de mulheres ilustres e as questões associadas à cidadania, ao trabalho, à educação, à violência, à família ou às migrações. Permite também perceber a presença de outras temáticas recentes de investigação, como as relacionadas com o cuidado, o corpo ou as masculinidades. A violência doméstica é um tema frequente. A este respeito, Pereira e Santos (2014) afirmam que os principais temas que surgem no âmbito dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas “refletem uma padronização frequentemente coincidente com as prioridades das agências de

financiamento nacional e internacional à investigação e às organizações não-governamentais. Os casos da violência doméstica e do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual são dois bons exemplos do enfoque convergente entre as agendas académica, estatal e associativa” (Pereira e Santos, 2014: 14). A orçamentação tem um papel decisivo nos padrões de financiamento atuais. Um orçamento de um projeto é elaborado, implementado e monitorizado de forma sensível ao género quando coloca empenho em responder às necessidades e prioridades das pessoas envolvidas tendo em conta a igualdade nas relações sociais de género. O *mainstreaming* de género inclui a orçamentação sensível ao género e o acesso a informação sobre esta dimensão pode ser útil a todas as organizações, estatais ou da sociedade civil, que desenvolvem iniciativas na área da igualdade de género.

Enquanto instrumento de carácter interdisciplinar e com “potencial indisciplinador”, (Pereira e Santos, 2014: 15), a Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas pode vir a incluir ainda vários outros temas emergentes, como é o caso da temática da interseccionalidade, da memória ou das metodologias descolonizadoras.

A temática da interseccionalidade, especificamente, não devolve resultados na caixa de pesquisa da BDEsMGF, apesar de constar em trabalhos publicados. Esta é uma das temáticas que tem tido destaque nos últimos tempos em função da sua importância na elaboração de políticas públicas e ainda em termos de posições teóricas, representando também um interesse crescente na União Europeia no que diz respeito à agenda das desigualdades múltiplas. Em “A introdução da interseccionalidade em Portugal: Repensar as políticas de igualdade(s)”, por exemplo, Alba Alonso (2010) apresenta a articulação entre as políticas nacionais e os tipos de desigualdade a que cada uma se dirige, sendo possível perceber que para cada política pública é possível envolver vários fatores de desigualdade. O conceito de interseccionalidade, problematizado de várias formas anteriormente mas apresentado por Kimberlé Crenshaw (2002), permite “capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de

subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (Crenshaw, 2002: 177).

A partir de textos fundamentais das teorias feministas e também de perspectivas mais recentes, pode perceber-se como o “propósito de hibridização de saberes” e os “feminismos hifenizados”, como apresenta João Manuel Oliveira (2010), se mantêm relevantes. Nas palavras de Crenshaw (2002), “a lista crescerá (...) quando mulheres de todo o mundo entrelaçarem o fio de suas vidas no tecido dos direitos humanos” (Crenshaw, 2002: 188).

A temática da memória coletiva tem também sido destacada ultimamente. A partir da obra *A Memória Coletiva* de Halbwachs (1990), aceita-se que a memória se cria em grupo, isto é, que a memória coletiva é construída através da articulação de memórias no contexto de grupos sociais específicos. A revista *ex æquo* está a preparar, para Junho de 2023, o lançamento de um dossier temático dedicado ao tema “Pós-memórias no feminino. Vozes e Experiências na Gramática do Mundo”. Na apresentação do dossier as suas editoras destacam a ideia de que as posições teóricas em torno do conceito pós-memória não têm sido unânimes, mas que a importância de proceder a esforços de diálogo entre género e pós-memória é muita e é vital. Considerando o género como uma dimensão fundamental das relações de poder, as editoras defendem que a investigação sobre temáticas que atualmente se discutem um pouco por todo o mundo — neo-colonialismo, patriarcado estrutural, racismo sistémico, as lutas das comunidades indígenas, os processos de reparação histórica ou de restituição cultural, entre outras — deve enquadrar estudos sobre a memória enquadrada numa perspectiva do feminismo (Khan, Pimenta e Sousa, 2022). Neste contexto de

adaptação de conhecimentos à luz da atualidade revela-se uma importante função da memória coletiva.

A este respeito importa considerar ainda as metodologias descolonizadoras. O desenvolvimento da teorização das metodologias descolonizadoras vem levantar questões epistemológicas nesta área em construção que podem vir a causar impacto significativo na reflexão sobre a noção de género. A reflexão nesta temática é emergente e vale a pena acompanhá-la com expectativa. De facto, é a crítica feminista que tem providenciado novas narrativas sobre o conhecimento e sobre a sua construção e metodologias, tendo vindo a teoria da interseccionalidade a ser observada como um dos primeiros exemplos de metodologias descolonizadoras (Lugones, 2010; McShane, 2021).

Não é recente o interesse das teorias feministas sobre a complexidade da noção de género. Várias correntes se têm destacado na crítica ao conceito e entre elas destacam-se as posições das feministas negras. Questiona-se, neste sentido, se o conceito analítico de género poderá ou não ser aplicado a culturas não ocidentais. Isto é, reconhecendo a estruturação das sociedades do hemisfério Norte à volta dos significados que o corpo assume, estes princípios são refutados no caso das sociedades africanas. A afirmação central de Oyèrónké Oyewùmi (2002), uma importante teórica atual, é que, ao contrário do que acontece na Europa, as culturas africanas não estão historicamente reguladas de acordo com uma lógica visual, como a “visão do mundo” europeia. Estão, antes, organizadas com o que a autora propõe como “sensação do mundo”. Para Oyewùmi, esta sensação do mundo combinaria melhor com a forma africana de conhecimento, colocando em causa o facto de o género ser uma categoria social fundamental em todas as culturas.

Importantes teóricas feministas chamaram a atenção para a articulação entre diferentes dimensões das vidas das pessoas. De facto, as dinâmicas expostas por Kimberlé Crenshaw no âmbito da elaboração da teoria da interseccionalidade podem ser acrescentadas sempre que “houver vontade, por parte das mulheres,

de conquistar e defender direitos que não são sequer pensados por suas comunidades de referência”, como afirmou Colette Guillaumin (1994: 233).

Tais discussões devem ser acompanhadas com expectativa.

Referências bibliográficas

- ABRANCHES, Graça (2000), “Maria Regina Tavares da Silva, A Mulher. Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)”. *ex æquo*, nº 2-3, pp 221-224.
- African Training and Research Centre for Women, United Nations. (1984), “Women and Development in Africa: An Annotated Bibliography”, *Women’s Studies International*, 3, 32–34. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/40213453>.
- ALEKSANDER, Karin (2013), “Parallels in the history of women’s/gender studies and its special libraries”. *Teaching Gender with Libraries and Archives. The Power of Information. Teaching with Gender. European Women’s Studies in International and Interdisciplinary Classrooms*. ATGENDER — The European Association for Gender Research, Education and Documentation e Central European University Press. Editors and Contributors. Texto acedido *online* a 22 de maio de 2022 em https://atgender.eu/wp-content/uploads/sites/207/2013/11/Libraries_nyomda_vol10.pdf.
- ALMEIDA, Ana Nunes de (1987), *Bibliografia sobre a família e a mulher no Portugal do século XX*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- ALONSO, Alba (2010), “A introdução da interseccionalidade em Portugal: Repensar as políticas de igualdade(s)”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 90.
- AMÂNCIO, Lígia (2003), “O Género no Discurso das Ciências Sociais”. *Análise Social*, XXXVIII, 168, pp. 687-714.
- BALLOU, Patricia K. (1977), “Bibliographies for Research on Women”. *Signs*, Vol. 3, No.2, pp. 436-450.
- BALTAZAR, Isabel, CUNHA, Alice, LOUSADA, Isabel (coords.) (2021), *Dicionário As mulheres e a unidade europeia*. 2ª edição. Lisboa: Assembleia da República.
- BARRADAS, Ana (2006), *Dicionário de Mulheres Rebeldes*. Lisboa, Ela por Ela.
- BARRADAS, Ana (1998), *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*. Lisboa, Antígona.
- BARROS, Teresa Leitão de (1924), *Escritoras de Portugal*. Lisboa: Tipografia António Artur.
- BARROSO, Margarida, NICO, Magda, RODRIGUES, Elisabete (2011), “Género e sociologia: uma análise das desigualdades e dos estudos de género em Portugal”. *Sociologia ON LINE*, Revista da Associação Portuguesa de Sociologia, nº 4, pp 73-102.
- BEBIANO, Adriana, RAMALHO, Maria Irene (2018), “A Revista Crítica de Ciências Sociais e o Feminismo (1978-2017)”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Número especial | 2018.
- BEEK, Pieta van (2010), *The first female university student: Anna Maria van Schurman (1636)*. Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services. Texto acedido *online* a 24 de março de 2022 em <https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/235540>.
- BEELICK, Susan (1993), “American Women of Color Artists: A Selected, Annotated Bibliography of General Sources and Exhibition Catalogs”. *Visual*

- Arts Research*, 19(2), 68–76. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/20715809>.
- BOCK, Gisela (1989), “História, História das Mulheres, História do Género” In *Penélope. Fazer e Desfazer História*, nº4, pp. 165-170.
- BOWERS, Jane, BAREIS, Urban (1991), “Bibliography on Music and Gender - Women in Music”. *The World of Music*, 33(2), 65–103. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/43561305>.
- BRAIDOTTI, Rosi (2002)[1994], “A diferença sexual como projecto político nómada”. In MACEDO, Ana Gabriela (2002), *Género, identidade e desejo. Antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa, Edições Cotovia.
- BUVINIC, Mayra (1976), *Women and world development: An annotated bibliography*. Overseas Development Council.
- CAMPOS, Luís Esteves Melo (1989), *A mulher em textos e contextos: um recenseamento bibliográfico, tematicamente indexado, sobre publicações portuguesas (1974 - 1988)*. Cadernos Condição Feminina, nº 26, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, Presidência do Conselho de Ministros.
- CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João (2005), *Dicionário no Feminino*. Lisboa, Livros Horizonte.
- CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João (2013), *Feminæ – Dicionário Contemporâneo*. Lisboa, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- CISLER, Lucinda (1970), *Women: A Bibliography*. New York, Lucinda Cisler.
- CHIARMONTE, P. L. (1982). “Women Artists: A Resource and Research Guide”. *Art Documentation: Journal of the Art Libraries Society of North America*, 1(5), A1–A20. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/27947012>.
- CRENSHAW, Kimberlé (2002), “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Ano 10, 1º semestre, 171-188.
- CRONIN, Blaise, DAVENPORT, Elisabeth e MARTINSON, Anna (1997), “Women’S Studies: Bibliometric And Content Analysis Of The Formative Years”, *Journal of Documentation*, vol. 53, nº2, pp 123-138.
- DERRIDA, Jacques, PRENOWITZ, Eric (1995), “Archive Fever: A Freudian Impression”. *Diacritics*, 25(2), 9–63. Texto acedido *online* a 03 de março de 2022 em <https://doi.org/10.2307/465144>.
- DIZIER-METZ, Annie (1993), “La bibliothèque Marguerite Durand”. *Nouvelles Questions Féministes*, 14(3), 7–31. Texto acedido *online* a 24 de Março de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/40619547>.
- ESTEVES, João (2014), Produção, transmissão e reenquadramento do conhecimento por via da história das mulheres: o caso da 1.ª República. *ex æquo*, n.º 30, pp. 39-53.
- FERREIRA, Virgínia *et al* (2001), “Estudos sobre as Mulheres em Portugal. A construção de um novo campo científico”. *ex æquo*, nº5, pp 9-25.
- FERREIRA, Virgínia *et al* (2020), “«Estudos sobre as mulheres» em Portugal pós-declaração de Pequim – estudo bibliométrico das revistas *ex æquo* e *Faces de Eva*”. *ex æquo*, nº42, pp 23-58.

- GUILLAUMIN, Colette (1994), “Enquanto tivermos filhos para nos darem filhos”. A respeito da raça e do sexo. *Revista Estudos Feministas*, Ano 2, 2º semestre, pp 228-233.
- HALBWACHS, Maurice (1990), *A Memória Coletiva*. São Paulo, Edições Vértice.
- HARDING, Sandra G. (1993), “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista”. *Revista Estudos Feministas* 1, 7-31.
- HARDING, Sandra G. (1986), *The Science Question in Feminism*. Cornell University Press.
- JACOBS, Sue-Ellen (1974), *Women in Perspective. A Guide for Cross-Cultural Studies*. University of Illinois Press.
- JOAQUIM, Teresa (2004), “*ex-æquo*: Contributo Decisivo para um Campo de Estudos em Portugal”. *Revista Estudos Feministas* 12, 264, 88-93.
- JOAQUIM, Teresa e PEREIRA, Maria do Mar (2009), “Women’s Studies, Gender Studies, Feminist Studies in Portugal – Tracing Recent Changes, Challenges and Debates”, *The Making of European Women’s Studies*, Vol IX, Athena. Acedido *online* a 27 de novembro de 2021 em <https://warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/mariadomarpereira/publications/athena-makingofeuropeanwomensstudies-ix.pdf>.
- JOAQUIM, Teresa e PINHEIRO, Ana (2017), “Mulheres, Género e Culturas. Recursos Digitais», Congresso Internacional Migrações e Relações Interculturais na Contemporaneidade, CEMRI/Universidade Aberta, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 27 e 28 de outubro.
- JOAQUIM, Teresa e PINHEIRO, Ana (2017), “Base de Dados em Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas”, Seminário Internacional Mulheres, Representações Iconográficas e Conhecimento, CES, APEM e MEMGSC da Universidade Aberta, Picoas Plaza, Lisboa, 10 de julho.
- JONG, Sara de, KOEVOETS, Sanne (2013), *Teaching Gender with Libraries and Archives. The Power of Information. Teaching with Gender. European Women’s Studies in International and Interdisciplinary Classrooms*. ATGENDER — The European Association for Gender Research, Education and Documentation e Central European University Press. Editors and Contributors. Texto acedido *online* a 22 de maio de 2022 em https://atgender.eu/wp-content/uploads/sites/207/2013/11/Libraries_nyomda_vol10.pdf.
- JONG, Sara de, WIERINGA, Saskia (2013), “The Library as Knowledge Broker”. *Teaching Gender with Libraries and Archives. The Power of Information. Teaching with Gender. European Women’s Studies in International and Interdisciplinary Classrooms*. ATGENDER — The European Association for Gender Research, Education and Documentation e Central European University Press. Editors and Contributors. Texto acedido *online* a 22 de maio de 2022 em https://atgender.eu/wp-content/uploads/sites/207/2013/11/Libraries_nyomda_vol10.pdf.
- KAMHOLTZ, Jonathan, SHEETS, Robin (1984), “Women Writers and the Survey of English Literature: A Proposal and Annotated Bibliography for Teachers”. *College English*, 46(3), 278–300. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <https://doi.org/10.2307/377037>.
- KELLER, Evelyn Fox (1996) [1985], *Reflections on Gender and Science*. Yale University Press.

- KELLY, Gail, & LULAT, Younus. (1980). "Women and Schooling in the Third World: A Bibliography". *Comparative Education Review*, 24(2), S224–S263. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/1187564>.
- KHAN, Sheila, PIMENTA, Susana e SOUSA, Sandra (2022), "Pós-memórias no feminino. Vozes e Experiências na Gramática do Mundo". Resumo do aviso de abertura. Texto acedido *online* a 15 de dezembro de 2022 em <https://exaequo.apem-estudos.org/call-for-papers/apelo-a-contributos-3?lingua=pt>.
- KNASTER, Meri (1976), "Women in Latin America: The State of Research, 1975". *Latin American Research Review*, 11(1), 3–74. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/2502737>.
- LEAL, Ivone (1982), *Um século de periódicos femininos – inventário de periódicos publicados entre 1807 e 1926*, In Boletim da Comissão da Condição Feminina (9-18). Lisboa, Comissão da Condição Feminina.
- LERNER, Gerda (1986), *The Creation of Patriarchy*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- LUGONES, Maria (2010), "Toward a Decolonial Feminism". *Hypatia*, 25 (4). Texto acedido *online* a 2 de janeiro de 2023 em <https://www.jstor.org/stable/40928654>.
- MACEDO, Ana Gabriela e AMARAL, Ana Luísa (Orgs.) (2005), *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto, Edições Afrontamento.
- MATTOSO, José et al (2011), *Ciências Sociais e Humanidades: mais excelência, maior impacto. Internacionalização, pluralismo, pluridisciplinaridade, avaliação, disseminação e relação entre as políticas científicas nacional e comunitária*. Relatório Final do Conselho Científico das Ciências Sociais e das Humanidades.
- MAUSS, Marcel (2003) [1950], *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.
- MCSHANE, Julianne (2012), "What does it mean to 'decolonise' gender studies?: Theorising the decolonial capacities of gender performativity and intersectionality". *Journal of International Women's Studies*, 22 (2). Texto acedido *online* a 2 de janeiro de 2023 em <https://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2402&context=jiws>.
- OLIN, Ferris, MILLER, Barbara (1987), "Women and the Visual Arts: A Bibliography". *Women's Studies Quarterly*, 15(1/2), 62–66. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/40004845>.
- OLIVEIRA, João Manuel de (2010), "Os feminismos habitam espaços hifenizados — a localização e interseccionalidade dos saberes feministas". *ex æquo*, nº5, pp 9-25.
- OYEWUMÍ, Oyèrónkè (2002), "Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the Challenge of African Epistemologies". *Journal of Culture and African Women Studies*, Vol 2, nº1. Texto acedido *online* a 2 de janeiro de 2023 em https://www.usherbrooke.ca/philosophie/fileadmin/sites/philosophie/espace-etudiant/Feminisme_et_philosophie/Oyewumi_2002_Conceptualizing_Gender_The_Eurocentric_Foundations_Of_Feminist_Concepts_And_The_Challenge_Of_African_Epistemologies.pdf.

- PAPANEK, Hanna (1975), "Women in South and Southeast Asia: Issues and Research". *Signs*, 1(1), 193–214. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/3172977>
- PEREIRA, Ana Cristina, LOPES, Nelson Constantino (2012), *Desafios - Direitos das Mulheres na Guiné-Bissau*. Lisboa, ACEP; Bissau, Liga Guineense para os Direitos Humanos.
- PEREIRA, Maria do Mar (2012), "«Feminist theory is proper knowledge, but ...»: The status of feminist scholarship in the academy". *Feminist Theory*, Issue 3, pp 283-303.
- PEREIRA, Maria do Mar (2019), *Power, Knowledge and Feminist Scholarship: An Ethnography of Academia*. Routledge.
- PEREIRA, Maria do Mar (2011), *Pushing the Boundaries of Knowledge: An Ethnography of Negotiations of the Epistemic Status of Women's, Gender, Feminist Studies in Portugal*. Tese de Doutoramento, London School of Economics and Political Science.
- PEREIRA, Maria do Mar e SANTOS, Ana Cristina (2014), "Introdução. Epistemologias e metodologias feministas em Portugal: contributos para velhos e novos debates". *ex æquo*, nº29, pp 9-21.
- PETRICOLA, Elena (2020), "Archivi delle donne, generazioni e ricerca: nuove domande a partire dalla storia dei femminismi in Italia". *SegleXX - Revista catalana d'història* 13, 166-189. Texto acedido *online* a 2 de março de 2022 em DOI: [10.1344/segleXX2020.13.8](https://doi.org/10.1344/segleXX2020.13.8).
- RABISSI, Adriana Perrotta e PERUCCI, Maria Beatrice (1991). LINGUAGGIODONNA: Primo thesaurus di genere in lingua italiana. Bollettino nº 6, Milão, Centro studi storici sul movimento di liberazione della donna in Italia. Texto acedido *online* a 29 de novembro em <https://www.fondazionebadaracco.it/wp-content/uploads/2021/05/Linguaggiodonna.pdf>
- RAPPAPORT, Karen (1978), "Women Mathematicians: A Bibliography". *Women's Studies Newsletter*, 6(4), 15–17. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/40042445>
- SANTOS, Lurdes Maria Viegas Pires (2015), *A Igualdade de Género em São Tomé e Príncipe. Entre a realidade e a utopia*. Dissertação de mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta. Texto acedido *online* a 05 de janeiro de 2023 em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4458/1/TMEMU_LurdesSantos.pdf
- SCHIBANOFF, Susan (1976), "Images of Women in Medieval Literature: A Selected Bibliography". *Women's Studies Newsletter*, 4(4), 10–11. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/40042394>.
- SCOTT, Joan W. (1986), "Gender: A Useful Category of Historical Analysis", *The American Historical Review*, Vol. 91, No 5, pp. 1053-1075.
- SILVA, Maria Regina Tavares (1999), *A Mulher: Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)*. Lisboa, Edições Cosmos.
- SOUSA, José Manuel Mota, VELOSO, Lúcia Maria Mariano (1987), "História da Imprensa Periódica Portuguesa. Subsídios para uma bibliografia". Catálogos e bibliografias, 4. Coimbra Editora.

- STEVENS, Carolyn (1993), “History of Women and Work: A Bibliography”. *Feminist Teacher*, 7(2), 49–61. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <http://www.jstor.org/stable/40545652>.
- TAGLIAVANI, Annamaria (2011), “The Italian Digital Women’s Library in the Context of Europe”, *Women’s Memory: The Problem of Sources*. Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing. Texto acedido *online* a 2 de março de 2022 em <https://www.cambridgescholars.com/resources/pdfs/978-1-4438-3193-2-sample.pdf>.
- TAVARES, Manuela (2008), *Feminismos em Portugal (1947-2007)*. [Tese de doutoramento em Estudos sobre as Mulheres — Especialidade em História das Mulheres e do Género — na Universidade Aberta]. Texto acedido *online* a 27 de novembro de 2021 em [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese de doutoramento Manuela TavaresVF.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf).
- TORRES, Anália, SANT’ANA, Helena e MACIEL, Diana (2015), *Estudos de Género Numa Perspetiva Interdisciplinar*. Lisboa, Editora Mundos Sociais.
- VAQUINHAS, Irene (2019), “História das mulheres de género em Portugal: Horizontes temáticos e desafios atuais”. *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*, Número extra, pp 38-56.
- VAQUINHAS, Irene (2002), “Impacte dos estudos sobre as mulheres na produção científica nacional. O caso da História”. *ex æquo*, nº6, pp 147-174. Texto acedido *online* a 26 de novembro de 2022 em <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/impacte-dos-estudos-sobre-as-mulheres-na-producao-cientifica-nacional>.
- VAQUINHAS, Irene (2002), “Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço”. *HISTÓRIA*, III Série, vol. 3, pp 201-221.
- VAQUINHAS, Irene (2003), “L’historiographie sur les femmes au Portugal: le XIXe siècle”, in Gisela Bock e Anne Cova (dir.), *Écrire l’histoire des femmes en Europe du Sud: XIXe-XXe siècles*. Oeiras, Celta Editora, pp 27-47.
- YETT, Jane, (1984), “Women and Their Environments: A Bibliography for Research and Teaching”. *Environmental Review: ER*, 8(1), 86–94. Texto acedido *online* a 22 de novembro de 2022 em <https://doi.org/10.2307/3984522>.

Webgrafia

- Bibliografia* do Observatório das Famílias e das Políticas de Família, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, disponível em: <https://ofap.ics.ulisboa.pt/bibliografia/publicacoes-cientificas/>
- Centro de Recursos e Conhecimento Digital Maria Alzira Lemos, disponível em: <https://recursos.plataformamulheres.org.pt/>
- CIG, disponível em: <http://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/>
- CIG (2010), GUIÃO 1º CICLO, disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?key=93D84603D24941D794B20985AE9BD0AB&doc=9129&img=137366&save=true>
- CIG (2010), GUIÃO 2º CICLO, disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?>

- [sk=93D84603D24941D794B20985AE9BD0AB&doc=9205&img=137367&save=true](http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?sk=93D84603D24941D794B20985AE9BD0AB&doc=9205&img=137367&save=true)
- CIG (2010), GUIÃO 3º CICLO, disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?sk=93D84603D24941D794B20985AE9BD0AB&doc=96193&img=139973>
- CIG (2010), GUIÃO PRÉ-ESCOLAR, disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?sk=93D84603D24941D794B20985AE9BD0AB&doc=96031&img=139550>
- Dicionário da Crítica Feminista*, disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/65561>.
- EIGE — *European Institute for Gender Equality* — , página web disponível em: <https://eige.europa.eu/>.
- Estratégia da Cooperação Portuguesa para a Igualdade de Género, disponível em: https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/estrategia_cp_igualdade_genero.pdf.
- Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2023, disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/12/Resol_Cons_Ministros_61_2018.pdf.
- Feminæ – Dicionário Contemporâneo*, disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?sk=0BC86F59EEEF4B5DA62821F712ACB60E&doc=95065&img=139416>.
- Linguaggiadonna*, disponível em: <https://www.fondazionebadaracco.it/wp-content/uploads/2021/05/Linguaggiadonna.pdf>.
- Mulheres Escritoras — *Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração* — , disponível em: <https://mulheresescritoras.pt/index.php>.
- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, disponível em: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>.